

**Uma experiência de arte e
aprendizado no projeto**



A Prática artística como aprendizado em arte

Gabriel Zanetti Pieroni

GABRIEL ZANETTI PIERONI

Uma experiência de arte e aprendizado no projeto L.O.T.E. - Lugar, Ocupação, Tempo, Espaço.

A Prática artística como aprendizado em arte

SÃO PAULO, 2022

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

P619e Pieroni, Gabriel Zanetti, 1993-

Uma experiência de arte e aprendizado no projeto L.O.T.E. : lugar, ocupação, tempo, espaço : a prática artística como aprendizado em arte / Gabriel Zanetti Pieroni. - São Paulo, 2022.

123 f. : il. color. + anexos

Orientador: Prof. Dr. Agnaldo Valente Germano da Silva (Agnus Valente)
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) –
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes

1. Arte - Estudo e ensino. 2. Aprendizagem. 3. Autonomia universitária.
4. Instalações (Arte). I. Silva, Agnaldo Valente Germano da (Agnus Valente). II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 707.1

Bibliotecária responsável: Laura M. de Andrade - CRB/8 8666

GABRIEL ZANETTI PIERONI

Uma experiência de arte e aprendizado no projeto L.O.T.E. - Lugar, Ocupação, Tempo, Espaço.

A Prática artística como aprendizado em arte

Trabalho de Conclusão do Curso de Artes Visuais, modalidade licenciatura, apresentado pelo estudante Gabriel Zanetti Pieroni ao Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, no ano de 2016, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciatura em Artes Visuais.

Trabalho aprovada em: 23/11/2016

Banca Examinadora

Orientador: Prof. Dr. aGNuS VaLeNTe
(Agnaldo Valente Germano da Silva)

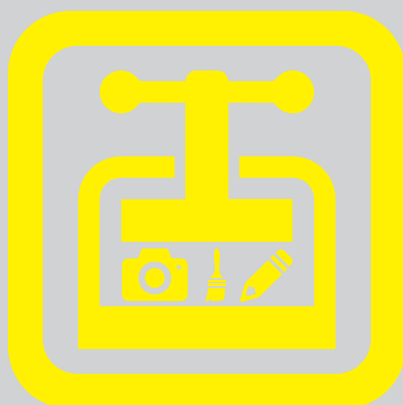
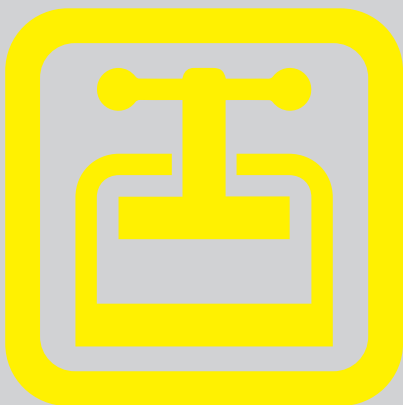
Prof. Dr. José Paiani Spaniol

Prof. Me. Lucas Ribeiro de Melo Costa

Agradecimento especial à CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pelo apoio financeiro por meio da concessão de bolsa através do programa de Iniciação Científica, durante o período de 01/08/2015 a 31/07/2016, com o tema: "L.O.T.E. - Lugar, Ocupação, Tempo, Espaço: Histórico e Fundamentações de um Projeto de Vivência em Arte como Aprendizado", com orientação de aGNuS ValeNTe, pesquisa que se desdobra neste Trabalho de Conclusão de Curso como requisito para o título de Licenciatura em Artes Visuais.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu orientador e grande amigo aGNuS VaLeNTe por ter comigo construído esta pesquisa que muito contribuiu para minha formação, e contribuirá, assim esperamos, para a formação daqueles interessados pelas propostas em Arte-vivência representadas pelo projeto L.O.T.E.. Agradeço também ao prof. dr. José Paiani Spaniol, prof. me. Lucas Ribeiro de Melo Costa e prof. dr. Sérgio Mauro Romagnolo por comporem minha banca. Aos membros da comissão discente do L.O.T.E. 2015 e 2016, em especial ao Agapê (Ricardo Filho), Mimma Ito e Tainah Bernardo por terem vivenciado o projeto em seus altos e baixos junto de mim. Aos meus pais, Alcilene Zanetti Pieroni e Divino Casemiro Pieroni, por terem me feito e criado de maneira libertadora. Ao meu irmão, Gustavo Zanetti Pieroni, por ser meu grande companheiro na estrada dessa vida. E por fim à Umbanda, por me possibilitar manter experiências singulares com os espaços e pessoas à minha volta fazendo-me perceber que na arte, assim como na vida, basta sentir verdadeiramente para que possamos (re)viver.



RESUMO

O presente trabalho tem como tema o projeto “L.O.T.E. – Lugar, Ocupação, Tempo, Espaço”, cuja proposta de vivência como aprendizado em arte é de natureza interinstitucional, envolvendo participantes de Artes Visuais, Artes Cênicas e Música do Instituto de Artes/UNESP, bem como de outras universidades, faculdades e escolas de ensino básico. A pesquisa tem por objetivo refletir sobre o aprendizado artístico por meio da própria práxis artística. Para tanto, ela se inicia com um levantamento histórico de movimentos referenciais ao projeto num esforço de principiar as discussões dos conceitos de “lugar”, “ocupação”, “tempo” e “espaço”, contidos em seu nome. Observa-se em seguida que, através dessas proposições em Arte-vivência, o projeto se constitui como um propulsor de possíveis experiências singulares em artes, levando em conta a autonomia como meio para a construção de novos saberes.

Palavras-chave: L.O.T.E.; Arte-vivência; Ocupação artística; Residência artística; Experiência.

ABSTRACT

The present work has as its theme the project "L.O.T.E. – Lugar, Ocupação, Tempo, Espaço (Location, Occupation, Time, Space)", whose proposal for experience as art learning is interinstitutional nature, involving students of visual art, theatre and music of the Institute of Arts/UNESP and students from other universities and high school. The research aims to reflect on the artistic learning through its own artistic practice. Therefore, it begins with a historical survey of reference movements of the project in an effort to begin discussions of the concepts of "location", "occupation", "time" and "space", contained in its name. It is observed that, through these proposals in Art experience, the project is as an enabler of possible unique experiences in arts, taking into account the autonomy as a means to build new learnings.

Key-words: L.O.T.E.; Art-experience; Artistic occupation; Artistic residencie; Experience.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Catálogo VI JAC.

Planta do espaço e programação diária.....Página 23

Figura 2: Catálogo VI JAC. Montagem.....Página 23

Figura 3: Hélio Oiticica, Delirium Ambulatorium.....Página 26

Figura 4: Lygia Pape e Ivald Granato chegando em Mito Vadios.

Arquivo pessoal Ivald Granato.....Página 27

Figura 5: O bailado do Deus Morto. 2004.

Festival Arte Serrinha.....Página 29

Figura 6: Gustavo Godoy. (I)mobiliário. 2007-08.....Página 30

Figura 7: Oficina de Teatro. Guilherme Leme.

Festival Arte Serrinha.....Página 30

Figura 8: Logo L.O.T.E. 2011. Daniele DesierrêPágina 48

Figura 9: Identidade Visual ed. 2016. Agapê (Ricardo Filho).....Página 48

Figura 10: Frederico Luca. Tarja Preta. 2015. Instalação.

Foto da câmera interna do Instituto de Artes

cedida por Ricardo Grigoli.....Página 50

Figura 11: Mari Dagli. Clamores urbanos. 2016.

Instalação. Fotos da artista.....Página 50

Figura 12: Mariana Araujo. Sem título.

Foto da autora na publicação do L.O.T.E. 2012.

O trabalho não acompanha legenda.....Página 56

Figura 13: Mariana Araujo. Sem título.

Foto da autora na publicação do L.O.T.E. 2012.

O trabalho não acompanha legenda.....Página 56

Figura 14: Ju Bernardo. "Complementares".	
Série de 5 imagens. Técnica: materiais diversos.	
Foto da autora na publicação do L.O.T.E. 2012.....	Página 57
Figura 15: Ju Bernardo. "Complementares".	
Série de 5 imagens. Técnica: materiais diversos.	
Foto da autora na publicação do L.O.T.E. 2012.....	Página 57
Figura 16: Residência L.O.T.E. na Serrinha. 2012 – ateliê.....	Página 59
Figura 17: Planta baixa do IA com demarcações	
dos lotes. Térreo (externo).....	Página 64
Figura 18: Planta baixa do IA com demarcações dos lotes. 2º andar	Página 64
Figura 19: Preparação dos corredores para exposição coletiva L.O.T.E.	Página 65
Figura 20: Felipe Morelato – s/ título. Exposição coletiva L.O.T.E. no IA.....	Página 65
Figura 21: Residência L.O.T.E. na Serrinha 2012.	
Obra coletiva: Agapê (Ricardo Filho), Maira Coelho,	
Flávia Kitasato, Aline Moreno, Mariana Cruz, Mônica Chan,	
Hugo Robledo, Romeu Mizuguchi e Danel Shoji.	
"Caminho do Sol"	Página 66
Figura 22: Residência artística no IA – ateliê.....	Página 67
Figura 23: Residência artística no IA. - Gabriel Zanetti Pieroni.....	Página 67
Figura 24: Bate-papo com os participantes do Vídeo Colaborativo	
em parceria com o projeto VideoArteca criado	
pela artista Pamela de la Vega.....	Página 68
Figura 25: Leonardo Mendes em performance de pirográfite. Vernissage....	Página 68
Figura 26: Visitação da Galeria site-specific durante o Vernissage.....	Página 69
Figura 27: João Beltrami em apresentação da	
Orquestra Popular de Bolso no Vernissage.....	Página 71
Figura 28: Vernissage L.O.T.E. 2015.....	Página 71

Figura 29: Montagem Galeria: Autocuradoria.

Exposição coletiva L.O.T.E. no IA.....Página 73

Figura 30: Vernissage. Apresentação performances

“Espelho d’água” do Coletivo Chão e

“Entre Nós” de Thiago Sguoti.....Página 73

Figura 31: Corredor de linguagem: linguagens mistas bidimensionais.

Exposição coletiva L.O.T.E. no IA.....Página 73

Figura 32: Residência artística L.O.T.E. em Itu. 2016.

Foto de Gabriel Zanetti Pieroni.....Página 74

Figura 33: Residência artística L.O.T.E. em Itu. 2016.

Foto de Gabriel Zanetti Pieroni.....Página 74

SUMÁRIO

Introdução	Página 13
Capítulo 1 – Referências para a criação de um projeto de ocupação	Página 18
1.1 - Jovem Arte Contemporânea – JAC	Página 21
1.2 - Mitos Vadios	Página 24
1.3 - Festival Arte Serrinha	Página 27
Capítulo 2 – Lugar, Ocupação, Tempo, Espaço	Página 32
2.1 - Espaço/Lugar	Página 33
2.2 - Tempo/Ocupação	Página 37
Capítulo 3 – Arte-vivência como aprendizado artístico	Página 44
3.1 – Autonomia	Página 45
3.2 – Experiência	Página 51
3.3 - Residência Artística	Página 54
Capítulo 4 – L.O.T.E. e suas edições	Página 62
4.1 - L.O.T.E. 2011	Página 64
4.2 - L.O.T.E. 2012	Página 65
4.3 - L.O.T.E. 2013	Página 67
4.4 - L.O.T.E. 2014	Página 68
4.5 - L.O.T.E. 2015	Página 70
4.6 - L.O.T.E. 2016	Página 72
Considerações Finais	Página 76
Referências Bibliográficas	Página 80
Anexos	Página 84

INTRODUÇÃO

O projeto L.O.T.E. – Lugar, Ocupação, Tempo, Espaço, tem sua primeira edição como evento de ação-vivência em Arte no ano de 2011 durante a SAIA - Semana de Artes do Instituto de Artes da Unesp, Campus São Paulo, Barra Funda. Idealizado pelos artistas docentes Agnus Valente, José Spaniol e Sérgio Romagnolo, além de se apresentar como um evento anual, o projeto demonstra-se como sendo um núcleo do Grupo de Pesquisa L.O.T.E. (IA/UNESP/CNPq), liderado pelo primeiro desde 2012. No mesmo ano, como por advento da parceria com a Fazenda Serrinha, e a partir de uma natural característica extensionista, o evento consolida-se também com a aprovação como projeto de extensão universitária¹ até o ano de 2015, quando passa a atuar unicamente como desdobramento do Grupo de Pesquisa, na atual edição de 2016.

Sua proposta de arte-vivência como aprendizado em Arte, em suas mais variadas formas de expressão, revela a natureza interinstitucional do projeto que envolve participantes do Departamento de Artes Plásticas (DAP), do Departamento de Artes Cênicas, Educação e Fundamentos da Comunicação (DACEFC), do Departamento de Música (DM), bem como externos ao Instituto de Artes, como outras universidades, faculdades e escolas do ensino básico.

O evento, de caráter artístico-cultural-científico, visa ampliar as discussões sobre as dinâmicas existentes dentro do ateliê, bem como de qualquer e todo espaço de produção artística. Dessa maneira, lança um desafio aos discentes no sentido de procederem a uma pesquisa em arte e em arte/educação – que envolve desde a concepção de cada evento anual, sua produção, realização, finalização,

¹ Com apoio junto à Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) de 2013 a 2015.

documentação e autocuradoria do trabalho a ser exposto –, além de promover uma investigação prática dos saberes de uma ocupação artística e do contato com uma comunidade na medida em que difunde gratuitamente a produção atual em curso na Universidade por meio da exposição dos trabalhos realizados para o evento.

A partir da proposição de Arte-vivência, revela-se então uma problemática base para o desenvolvimento desta pesquisa: o aprendizado em artes através da própria práxis artística, ou do fazer artístico. As perguntas para auxiliar a investigação e nortear os olhares a serem tomados são feitas de modo a refletir as dinâmicas existentes na vivência do ateliê como meio de construção, troca e apreensão de linguagens e procedimentos artísticos: 1) a prática artística pode ser considerada um processo de aprendizado em artes? 2) qual o papel da experiência neste processo? 3) e o da autonomia? e 4) qual a função do docente nesta dinâmica?

O estímulo da constituição de um espaço particular e dinâmico de produção e reflexão artística na universidade por meio das disciplinas práticas presentes no currículo de Artes Visuais, somada às minhas experiências no L.O.T.E. 2013 como expositor, 2015 como comissão discente e 2016 como expositor e comissão discente, possibilitaram-me não só uma real imersão em meus processos e procedimentos artísticos, mas encadearam debates que acarretariam posteriormente no meu primeiro estudo científico, através de bolsa CNPq de Iniciação Científica sobre o projeto L.O.T.E..²

Em contraponto com minha vivência artística anterior à universidade, representada pela inexistência quase que completa de memórias referentes ao ensino formal de artes, tentativas artísticas que tive quando pequeno como quando “me ponho

2 L.O.T.E. - Lugar, Ocupação, Tempo, Espaço: Histórico e Fundamentações de um Projeto de Vivência em Arte como Aprendizado. Projeto de pesquisa do Programa de iniciação científica (PIBIC), sob orientação do Prof. Dr. Agnus Valente. 2015-2016.

com um pincel e um quadro na mão pronto para pintar um leão”³, aproximam-me ainda mais do objeto desta pesquisa, revelando assim a importância da experiência e da autonomia para a construção do conhecimento artístico. Estudar as diferentes perspectivas do educador-artista e do artista-educador, permeada pelo vivencial na arte, contribuem para o constante (re)inventar do saber contemporâneo, visto que somos seres inacabados, e como tais estaremos sempre em processo de aprendizado.

Neste sentido, o objetivo geral desta pesquisa é o de refletir sobre os processos de arte e educação dentro do atelier a partir do projeto e evento L.O.T.E. Para isso, os objetivos específicos são caracterizados pela composição de um material documental, histórico e reflexivo sobre o L.O.T.E., de pesquisa conceitual, histórica e empírica conduzindo na elaboração de um material que venha a contribuir para instrumentalizar pesquisadores, capacitando-os e habilitando-os para a compreensão, reflexão e consequente produção artística e científica que pressuponham a práxis da vivência como aprendizado em arte.

Assim sendo, como ponto de partida, o primeiro capítulo, *Referências para a criação de um projeto de ocupação*, apresenta 3 movimentos artísticos referenciais ao projeto L.O.T.E., os quais serviram de base para sua concepção e consequente elaboração. Dentre eles, estão: as exposições da Jovem Arte Contemporânea (JAC), o acontecimento Mitos Vadios e o Festival Arte Serrinha.

Na sequência, o segundo capítulo, *Lugar, Ocupação, Tempo, Espaço*, desenvolve os conceitos trazidos no nome do projeto e procura fazer conexões com as demais referências, a partir de um recorte: o aprendizado em artes.

O terceiro capítulo, *Arte-vivência como aprendizado artístico*, visa elaborar uma reflexão acerca de conceitos inerentes ao L.O.T.E.. Tais conceitos, como “ocupação”, “autonomia” e “experiência”, assim como o de “residência artística”

3 Ver Anexo 01. Fragmento do texto Histórias de Vida com Arte escrito por mim para a disciplina de Ensino de Artes Visuais ministrada pela Prof. Dr.^a Rejane Galvão Coutinho. No trecho narro o momento no qual me disponho a pintar um quadro com a figura de um leão por vontade própria, quando havia por volta dos 10 anos de idade.

como propulsor de tais articulações, serão discutidos com base em autores ligados às áreas de educação e arte/educação, além de pensamentos dos coordenadores do projeto.

O quarto e último capítulo, *L.O.T.E. e suas edições*, reúne de maneira cronológica os eventos do projeto de modo a sistematizar o seu desenvolvimento ao longo dos anos de atividade.



CAPÍTULO 1

**Referências para a criação
de um projeto de ocupação**

A história da arte ocidental viu no século XX uma grande transformação dos seus paradigmas formais com a ascensão do abstracionismo como forma de expressão e criação poética. Wassily Kandinsky, seguindo a nova etapa na desconstrução da figura iniciada por Pablo Picasso e Georges Braque, na criação do Cubismo por volta dos anos 1907, foi ainda mais além com suas figuras não representacionais nas quais as preocupações passavam a serem as cores, a composição, texturas e relevos. Tal pensamento, seguido e desenvolvido posteriormente por movimentos como o Futurismo, Construtivismo, Suprematismo, Neoplasticismo, e até mesmo por Dadá e Surrealismo, possibilitou o surgimento de diversas pesquisas relacionadas ao campo da abstração na Arte, o que de modo geral, criou duas grandes variantes, o abstracionismo geométrico, mais racional, e o informal, mais ligado às visões subjetivas.

Tais experimentações não eram de forma alguma gratuitas, pois vinham sendo elaboradas desde meados do século XIX com processos que contavam com artistas como William Turner, Paul Cézanne, André Derain e Henri Matisse, os quais dispunham de tecnologias emergentes da época, como por exemplo, a fotografia e o cinema.

Neste sentido os artistas brasileiros não eram indiferentes a essas mudanças. Em 1922 acontece a então Semana de Arte Moderna de São Paulo, encabeçada por Oswald de Andrade, Mario de Andrade, Anita Malfatti e Menotti del Picchia, com o intuito de revitalizar e nacionalizar o rumo das artes no Brasil. Embora as preocupações se encaminhassem no sentido de mostrar aquilo de mais moderno em termos de produção artística, a criação visual ainda estava atrelada a padrões mais

formais de um referencial representativo da imagem. Foi somente a partir da I Bienal de São Paulo em 1951, elaborada pelo então criador do Museu de Arte de São Paulo, Francisco Matarazzo Sobrinho, mais conhecido como Ciccillo Matarazzo, que as artes brasileiras veem-se em contato direto com a produção artística internacional, possibilitando com isso a concepção de movimentos com um pensamento mais abstrato, como os grupos concretos do Rio de Janeiro e São Paulo, Frente e Ruptura, respectivamente.

Com a mudança do centro artístico de Paris para Nova Iorque após a Segunda Guerra Mundial e com a ascensão do Expressionismo Abstrato norte-americano como linguagem hegemônica internacional, viu-se surgir novas formas de figurações, como a Pop arte e o Novo Realismo Europeu, discutindo agora questões relacionadas ao cotidiano, ao consumo e a cultura de massa. Dessa maneira diluem-se as divisas existentes entre a cultura erudita e a cultura popular, e as artes ganham um “campo expandido”⁴ de atuação, permitindo os artistas explorarem novas linguagens e tecnologias.

No caso específico do Brasil, a arte muitas vezes passa a ganhar um cunho político visto o contexto histórico da época marcado pela instauração do Regime Militar em 1964. Neste período, vê-se também o surgimento de diversas outras formas de expressão artísticas ligadas ao campo conceitual da arte. O objeto artístico passa a perder importância devido a efemeridade processual ganhar valor por meio do desenvolvimento de linguagens como a performance, o happening, os ambientes e as instalações.

Nesta perspectiva, o presente capítulo tem por objetivo apresentar alguns movimentos que serviram como base para o desenvolvimento das linguagens artísticas da época bem como para a consolidação da experiência em arte como processo

4 ARCHER, Michael. Arte contemporânea: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p.61. Trata-se de conceito de Robert Morris, trazido por Rosalind Krauss em seu texto “A escultura no campo expandido”.

de criação e aprendizado artístico, os quais, por possuírem estas características, configuram-se análogas ao projeto L.O.T.E.. Assim sendo, serão apresentadas 3 iniciativas artísticas ocorridas no estado de São Paulo – as exposições da Jovem Arte Contemporânea, mais conhecidas como JAC, o acontecimento Mitos Vadios e o Festival Arte Serrinha – que configuram-se como referenciais para a concepção e elaboração do projeto. Dentre seus conceitos e propostas destacam-se concepções ligadas ao estreitamento das relações existentes entre participante e instituição cultural, a experimentação libertária da arte e a constituição de um espaço de produção a partir da ocupação artística.

1.1 Jovem Arte Contemporânea – JAC

Os programas de salão do Museu de Arte Contemporânea da USP idealizados pelo diretor Walter Zanini criados em 1963, data na qual o museu é fundado pelo advento da doação das obras do Museu de Arte Moderna de São Paulo, configuram-se numa tentativa de fazer com que aquele espaço transpassasse as funções de um simples depósito de obras e investisse em direção a uma reflexão mais ampla em artes frente à atual produção artística brasileira. Para tanto, implementou-se o ‘Jovem Desenho Nacional’ e a ‘Jovem Gravura Nacional’, substituídos em 1967 pela primeira ‘Jovem Arte Contemporânea’ que figurou como o principal evento expositivo do museu até sua oitava edição, realizada em 1974.

A partir da I JAC, a denominação que indicava uma categoria específica de linguagem artística foi substituída por uma mais abrangente que abarcasse outras além do desenho e gravura, abrindo espaço para manifestações mais fluidas e não tradicionais. Na V JAC, em 1971, os primeiros sinais contundentes dessa mudança começaram a surgir com a presença de trabalhos que evidenciavam reflexos do

contexto artístico contemporâneo da década de 60, marcado intensamente pela experimentação e pela arte conceitual, proporcionando assim uma abertura para tais artistas que muitas vezes não encontravam espaços para adentrarem ao museu por não se encaixarem necessariamente aos parâmetros mercadológicos da produção de um objeto artístico vendável, além de propiciar, sobretudo, “o estabelecimento de novas relações da instituição com os artistas, que se tornavam mais próximos à medida que os regulamentos avançavam na inserção de poéticas cada vez mais desmaterializadas”⁵.

Em função disso, a VI JAC vem com uma proposta ainda mais inovadora:

a) Alargar o âmbito da manifestação, permitindo a participação sem limite de idade, de artistas nacionais e estrangeiros, residentes ou não no país, e aceitando qualquer técnica de linguagem apresentada.

b) Deslocar a ênfase do objeto produzido para os processos de produção (grifo do documento), apresentando assim um largo confronto das iniciativas processuais da linguagem contemporânea com suas diferentes cargas informacionais, conteúdos semânticos e motivações interdisciplinares.

c) Provocar uma tomada de consciência das significações desses processos, exigindo de todos os participantes propostas escritas – que são debatidas publicamente – sobre intenções básicas de seus trabalhos.”⁶

Não haveria mais distinção qualitativa entre as linguagens dos trabalhos, podendo ser selecionadas gravuras, desenhos, pinturas, *happenings*, *performances*, objetos artísticos, ambientes, instalações, etc. Sua seleção também já não era

5 SEHN, Magali Melleu. **A preservação de ‘instalações de arte’ com ênfase no contexto brasileiro: discussões teóricas e metodológicas.** Tese (Doutorado) – Departamento de Artes Plásticas/Escola de Comunicações e Artes/USP. 2010, p. 37 e 38.

6 REGULAMENTO VI JAC-72. Fonte: Arquivo do MAC/USP, pasta 0101/02. SP, s/d. apud SEHN, Magali Melleu. 2010. p. 39.



Figura 1. Catálogo VI JAC. Planta do espaço e programação diária. apud SEHN, Magali Melleu. 2010. p. 40.



Figura 2. Catálogo VI JAC. Montagem. apud SEHN, Magali Melleu. 2010. p. 41.

concentrada no juízo de uma banca examinadora, mas sim na discussão construída publicamente entorno dos projetos apresentados. Além disso, o programa destacou-se não só por sua ampla abertura estética, mas principalmente por suas novas formas operativas de relação do participante com a instituição, que através de um trabalho conjunto se viu inserido na construção, idealização e consequente produção do evento revelando uma nova característica do “artista como gestor do espaço de exposição, ou seja, realizando permutas, sendo negociante, curador, produtor e realizando trabalhos coletivos.”⁷ Esta relação evidenciada e realçada na VI JAC, denominada como “singular no contexto mundial” por Magali Melleu⁸, destacaria ainda uma outra

7 SEHN, Magali Melleu. **A preservação de ‘instalações de arte’ com ênfase no contexto brasileiro: discussões teóricas e metodológicas.** Tese (Doutorado) – Departamento de Artes Plásticas/Escola de Comunicações e Artes/USP. 2010, p. 41.

8 Ibidem., p. 42.

característica do projeto: a constante atualização dos seus elementos constitutivos ao longo de suas edições, ou seja, a cada nova edição o projeto já não era o mesmo. O artista, agora, além de participante, é também organizador e passa a interferir e transformar diretamente o programa de exposição construindo com isso um evento com a cara do seu tempo, dando abertura às novas linguagens artísticas emergentes da época.

Foi então que na VII JAC o projeto começou a demonstrar certo desgaste não conseguindo completar seu programa de exposição que seria composto por duas etapas, o que o conduziu para sua oitava e última edição, em 1974. Entretanto, apesar da perda de força que sofreram os programas de exposição do MAC, é de se notar a enorme importância que tiveram para o contexto artístico brasileiro, pois ajudaram a descobrir e aprofundar determinadas pesquisas em campo expandido a partir de uma gestão de espaços expositivos que mesclava as fronteiras existentes entre o artista e a instituição cultural.

1.2 Mitos Vadios

Dentro do contexto histórico conturbado dos anos 60 e 70, marcado pela vigência do AI-5 em decorrência da ditadura militar instituída em 1964 e de um cenário artístico no qual se via em desenvolvimento as mais novas correntes artísticas surgidas no pós-guerra, em que o campo das experimentações, especialmente calcadas na efemeridade e na arte conceitual, entrava em conflito com as artes tradicionais, viu-se montado o cenário que tornaria propício o surgimento de Mitos Vadios, um acontecimento *site specific*, idealizado por Ivald Granato, realizado no dia 12 de novembro de 1978. Um domingo num estacionamento da Rua Augusta entre Estados Unidos e Oscar Freire, marcado por um espaço destinado à “experimentação da arte

como um ato libertário, em que todos poderiam produzir e criar sem se preocupar com regras ou escolhas de instituições de arte, ou até mesmo do governo.”⁹

O acontecimento, que se mostraria um marco de contestação aos meios artísticos e políticos da época, começou a se organizar a partir de uma percepção de Ivald Granato dos anseios pessoais como também de outros artistas por espaços com maior liberdade de criação e de uma certa vontade de revitalização dos rumos que as artes brasileiras estavam por tomar no final da década de 70. Para tanto, começou a organizar o Mitos Vadios através de sua produtora, Granato's Production, fazendo convite aos artistas que conhecia, tais como Artur Barrio, Gabriel Borba, Genilson Soares e Regina Vater, os quais também convidaram outros para participar, agregando no final artistas de diversas linguagens que compunham desde o circuito Rio-São Paulo até participantes de I Bienal Latino-americana que estava para acontecer no mesmo ano, como Ubirajara Ribeiro e Alfredo Portillos.

Assim, datado inicialmente para o dia 05 de novembro próximo à abertura da I Bienal Latino-americana no Parque do Ibirapuera, que aconteceria no dia 02, o evento além de ganhar notoriedade por sua ampla divulgação panfletária, parodiando os “santinhos” políticos distribuídos naquele ano de eleição, ganha também um caráter de crítica à esta e ao mercado de arte por contestar aquele espaço como um lugar de institucionalização da obra de arte e, conseqüentemente, do artista. Tal valorização, enfatizada pela mídia jornalística, apresenta-se como sendo uma constatação dúbia já que a bienal também foi vista como o primeiro passo em busca de uma compreensão das realidades artísticas presentes na América Latina, mesmo esta sendo realizada de modo a não abranger todas as formas de expressões emergentes da região.

Mitos Vadios configurou-se então como sendo um espaço de experimentação. Experimentação que não se deu exclusivamente no que diz respeito à figura da arte

9 PAULA, A. A. **Mitos Vadios: uma experiência de arte de ação no Brasil**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da FFLCH/ECA/FAU da USP. 2008. p. 69.

e do artista, que se viu livre para interferir no espaço como também nas obras uns dos outros sem nenhuma chancela de censura, estendendo-se inclusive à figura do público que, da mesma forma, interagiu diretamente com as obras, intervenções e *performances* artísticas ali apresentadas, revelando, dentro de um contexto da arte de ação, um verdadeiro diálogo entre artista e público, estreitando suas relações e mostrando, a partir de poéticas que discutiam a realidade histórica da época, que o processo criativo em artes está “além de um museu, de uma galeria, ou de qualquer espaço institucionalizado, e sim, muito mais perto do que imaginavam.”¹⁰



Figura 3. Hélio Oiticica, Delirium Ambulatorium. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.053/536>> Acesso em: out. 2016.

10 Ibidem., p. 127



Figura 4. Lygia Pape e Ivald Granato chegando em Mitos Vadios. Arquivo pessoal Ivald Granato. Reprodução fotográfica- Lóris Machado, 1978. apud PAULA, A. A. 2008. p. 72.

1.3 Festival Arte Serrinha

O Festival Arte Serrinha, que compõe o conjunto de iniciativas culturais realizadas no bairro Serrinha, na zona rural de Bragança Paulista (SP), caracteriza-se como sendo uma imersão artística num outro habitat, oposto à atração dispersiva das grandes cidades, em busca de uma discussão profunda em questões relacionadas ao espaço por meio de uma proposta de arte integrada na natureza. Localizada no pé da serra da Mantiqueira, às margens da represa do Jaguari-Jacareí, a principal do Sistema Cantareira, o festival e as demais iniciativas compõem uma espécie de laboratório a céu aberto de produção, pesquisa e experiências artísticas.

O festival, que acontece todo ano no inverno durante o mês de julho, desde

2002, “nasceu da inquietação sobre os rumos de uma região que vive um processo acelerado e desorganizado de transformação; da motivação de reconstituir o espaço natural e fortalecer as relações entre as pessoas e o ambiente”¹¹. As atividades nele contidas concentram-se nos espaços dos ateliês, salas de aula e áreas abertas da Fazenda Serrinha por meio de oficinas, vivências, palestras e exposições de arte, além de contar também com shows, apresentações de teatro, dança e cinema que acontecem no Galpão Busca Vida e no Teatro Rural, ambos localizados no Sítio Santo Antônio, vizinho à fazenda.

A Fazenda Serrinha, desde antes da existência do festival frequentada por artistas como espaço de reflexão e produção artística por intermédio do artista plástico Fábio Delduque, um dos criadores do evento, possui um parque de instalações com obras que buscam pensar artisticamente o contexto no qual estão inseridas: área rural em processo de restauração e preservação da mata atlântica. Sujeitas à ação contínua do tempo, elas são planejadas e executadas de modo a produzir o mínimo de impacto sobre o ambiente, ou de preferência a trazer-lhes benefícios. “São trabalhos que ampliam as formas de recepção estética e se abrem a relações múltiplas de interação não apenas com as pessoas, mas também com todas as espécies animais e vegetais do entorno”,¹² revelando o caráter site specific dos trabalhos, os quais não se adequariam aos espaços do museu justamente por estarem separados do seu entorno inicial, perdendo seu significado. Dentre os artistas a comporem o parque estão Carlos Fajardo, Virgínia Medeiros, Humberto Brasil, Eduardo Srur e Rochelle Costi.

Após a criação do festival, o parque abre-se para intervenções dos artistas participantes do evento, sejam eles ligados às artes plásticas ou não. Luiz Hermano, com a instalação Enquadrando a Paisagem, trabalho surgido como desdobramento

11 DELDUQUE, M. (org). Arte Serrinha. São Paulo: Editora BEI. 2011. p. 16.

12 Ibidem., p. 114.

do laboratório de paisagem em uma oficina em 2004, composta por “estruturas de madeira retangulares e vazadas, semelhantes a traves, e de uma ponte que liga o chão à infinitude de um abismo”¹³, aparentemente despida de qualquer funcionalidade específica, sofre interferência depois por artistas de diferentes linguagens, como por exemplo a encenação da peça de Flávio de Carvalho *O bailado do Deus morto*, dirigida por José Celso Martinez, que acontece em meio a instalação. Tal liberdade de intervenção no ambiente e nos trabalhos uns dos outros reflete o laboratório de experimentação que o Festival Arte Serrinha se propõe a ser.



Figura 5. O bailado do Deus Morto. 2004. Festival Arte Serrinha. DELDUQUE, M. (org). 2011. p. 28.

Foi então no ano de 2015, em sua 14ª edição, que o festival inaugura seu Programa de Residência Artística. Por meio do enfoque nas Artes Visuais, dois artistas

13 Ibidem., p. 20.

foram convidados para aquele ano, Daniel Acosta e Alberto Baraya, os quais convivem com os demais participantes do festival durante as duas primeiras semanas do evento, dando a tônica da primeira e segunda semana de programação respectivamente. Embora criado 13 anos após o festival, esse espaço imersivo de arte-vivência poderia já se ver percebido por intermédio da direção da fazenda, focada na produção cultural, como também pela possibilidade de locação de quartos no local. A proposta de imersão numa fazenda, apoiada na ideia inteiramente focada no pensamento e na ação voltada à produção artística, revela uma real intersecção entre arte e vida, convergindo assim para um valor da arte que se desloca do objeto para o processo, ou simplesmente para a vivência ela mesma, que em si constitui um sistema intimamente relacionado entre o fazer e o aprendizado artístico.



Figura 6. Gustavo Godoy. (I)mobiliário. 2007-08. DELDUQUE, M. (org). 2011. p. 56.



Figura 7. Oficina de Teatro. Guilherme Leme. Festival Arte Serrinha. DELDUQUE, M. (org). 2011. p. 131.



CAPÍTULO 2

Lugar, Ocupação, Tempo, Espaço

2.1 Espaço/Lugar

Para mais do que a simples significação do termo “espaço” como representação física de uma extensão de terra, a exemplo do senso comum construído em volta da Geografia, vemos que o termo “espaço” é, em si, muito mais abstrato aplicando-se indiferentemente às ideias de extensão, distância, intervalo de tempo etc. e diverge, inclusive, entre os próprios geógrafos daquilo do que poderia ser chamado de “espaço geográfico”.

A escola tradicional da Geografia, iniciada em meados de 1870, não teve no espaço geográfico um conceito chave, privilegiando assim os conceitos de paisagens e região, em torno dos quais se estabeleciam discussões sobre o objeto da geografia e a sua identidade no âmbito das demais ciências. Foi somente com a escola teórico-quantitativa, datada entre 1950 e 1970, que o espaço geográfico se vê no centro das discussões através de uma relação entre a geomorfologia espacial e a ocupação humana da mesma, a qual é entendida a partir do espaço relativo, ou seja, das relações que geram ações e mecanismos econômicos que diferem uns espaços dos outros.

Na escola crítica geográfica, iniciada em meados dos anos 70, o debate principal sobre o tema debruça-se sobre ideias desenvolvidas por Karl Marx, onde se discute se o espaço está ausente ou presente, e por outro lado qual a natureza e o significado deste espaço. Desencadeiam-se então questões relativas ao espaço social, ligados às ideias do materialismo histórico e dialético como paradigmas para a constituição de um espaço geográfico que tem em si, relação com o espaço vital das

relações humanas. A título de exemplo, Milton Santos, geógrafo brasileiro, configura-se como figura importante nesta escola a partir do estabelecimento do conceito de formação sócio-espacial, o qual explicita teoricamente “que uma sociedade só se torna concreta através do espaço que ela produz, e o espaço só é inteligível através da sociedade.”¹⁴

Para os geógrafos humanistas, advindos da escola geográfica Humanística e Cultural, consolidada a partir da década de 70, a questão do espaço está atrelada à subjetividade, cultura e individualidade tendo como base a percepção humana para a compreensão e significação do mundo real. A partir deste novo paradigma, tem-se a intuição, o sentimento, a experiência e o simbolismo privilegiando as significações singulares em detrimento das particulares ou universais. O conceito de “espaço” passa a ser considerado um espaço vivido e um espaço percebido.

Neste ponto, vemos então expandirem-se as fronteiras que delimitam as discussões aos códigos de ordem espacial para caminharem no sentido da construção de um pensamento referente às práticas espacializantes. Com isso surgem novas nomenclaturas como as categorias “lugar” e “não-lugar”, os quais visam refletir as dinâmicas espaciais das sociedades contemporâneas. Para Michel de Certeau, um “lugar” é:

“a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha portanto excluída a possibilidade, para duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei do “próprio”: os elementos considerados se acham uns ao lado dos outros, cada um situado num lugar “próprio” e distinto que define. Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade” (CERTEAU, Michel de. 1998. p. 201)

14 SILVA, Rodrigo Kuhn. A Evolução do Espaço Geográfico. Trabalho de pesquisa para UFSM. Artigo disponível em: <<http://www.unifra.br/eventos/sepe2012/Trabalhos/5199.pdf>> Acesso 01/11/2016. p.7.

O que significaria então “espaço” uma vez que a palavra “lugar” adquire suas significações referentes aos elementos de uma ordem em suas relações de coexistência, anteriormente passível de ser referido à palavra “espaço”? A ideia do desvencilhamento da palavra “espaço”, e consequentemente “lugar”, das questões relativas à espacialidade física podem gerar confusão e é normal que o gerem. Vemos ao longo da construção do pensamento espacial um contínuo caminho de abstração rumo às práticas espacializantes, ou seja, práticas que podem ou não condizer ao espaço físico. Temos ainda, na sociedade contemporânea, uma natural fluidez que faz com que as fronteiras conceituais se diluam, fazendo com que tais palavras estejam presentes em termos que reflitam o interesse da nossa sociedade (a publicidade, a imagem, o lazer, a liberdade, o deslocamento), tais como “espaço aéreo”, “espaço verde”, “espaço publicitário”, “espaço judiciário”, “espaço-lazer”, “espaços-jogos” etc. Esta característica, segundo Marc Augé (2012. p. 78), comprova certa corrosão e ameaça os termos contemporâneos, “como se os consumidores de espaço contemporâneo fossem, antes de mais nada, convidados a se contentar com palavras”.

Quando Marc Augé fala em “se contentar com palavras” ele traz consigo a ideia de “não-lugar” e a não vivência completa do sentido de “espaço”, deixando-a cada vez mais abstrata e fora de contexto. Desse modo, “não-lugares” caracterizam-se como espaços de passagem nos quais criam-se tensões solitárias em detrimento de um social orgânico de relações entre os elementos daquele “lugar” presente¹⁵. Além de uma natural coexistência estática dos elementos, a circunstância funcional leva com que eles sejam também elementos passageiros, evitando o estabelecimento de relações verdadeiras de significações coletivas. Exemplos como um aeroporto, estação de trem, autoestrada, espaços aéreos, transportes em geral (carros, trens, aviões etc.),

15 AUGÉ, Marc. **Não lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução Maria Lúcia Pereira. – 9a ed. – Campinas, SP: Papirus, 2012. p. 87.

ou até mesmo as cadeias de supermercados, hotéis e parques de lazer são trazidos por Marc Augé como exemplos de “não-lugares”. Neles há a mobilização de espaços funcionais que utilizam-se de elementos contratuais (bilhete de embarque, cartão do pedágio, carrinho de supermercado) para efetivar sua utilização, mas que no fim, provocam, muitas vezes, somente um contato com uma outra imagem de si mesmo.

Se “lugares” podem ser considerados o conjunto de elementos em suas relações de coexistência, e os “não-lugares” a não existência de relações entre tais elementos a partir de uma ideia de funcionalidade passageira e individualizadora, o que seriam então os “espaços”? Para Michel de Certeau:

“Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidade e a variável tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada, isto é, quando é percebida na ambiguidade de uma efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente (ou de um tempo), e modificado pelas transformações devidas a proximidades sucessivas. Diversamente do lugar, não tem portanto nem a univocidade nem a estabilidade de um “próprio”.(CERTEAU, Michel de. 1998. p. 202).

O “espaço” torna-se então um “lugar praticado”, muito próximo das ideias de “espaço vivido” e “espaço percebido”, desenvolvidas pelos geógrafos humanistas. A perspectiva do espaço é determinada numa fenomenologia do existir no mundo, separando assim o “espaço geométrico” de outra espacialidade chamada “espaço

antropológico”, o qual é visto sob uma ótica de que o “espaço é existencial” e de que a “existência é espacial”¹⁶.

Logo, podemos concluir que o “lugar” é a relação de coexistência dos elementos de uma ordem, seja ela qual for; o “espaço” ou o “lugar-praticado” é a significação ambígua, e por si singular, decorrentes da efetuação e da prática desses lugares pelo cruzamento dos seus elementos; e os “não-lugares” são representados pela falta da significação em decorrência das relações passageiras entre seus elementos, acarretando assim numa individualização de si mesmo.

Nesta lógica, o projeto L.O.T.E. com suas proposições em Arte-vivência, bem como aqueles referenciais mencionados no capítulo 1 desta pesquisa, caracterizam-se como situações que procuram repensar a lógica espacial contemporânea sob uma perspectiva das artes. A partir de ideias embasadas nos conceitos de ocupação e residência artística o L.O.T.E. e seus participantes caminham por uma desconstrução desses “não-lugares”, ou melhor, caminham para uma construção de significações estéticas, poéticas e artísticas desses “lugares” e “não-lugares” que nos permeiam. Tais “lugares” para serem potentes precisam da interação, do movimento e de ocupação para só assim tornarem-se verdadeiros “espaços” de criação.

2.2 Tempo/Ocupação

O projeto L.O.T.E. desde sua origem em 2011 surgiu como resposta a um desejo de revitalização do espaço institucional acadêmico-científico que o Instituto de Artes da Unesp representava na época, especialmente no que diz respeito ao curso de Artes Visuais, o qual para produzir arte ainda se restringia a ocupar de maneira amena

¹⁶ CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 3 a ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. p. 202.

aquele espaço destinado à produção artística. Desta forma, o evento surge dentro de outro evento institucional denominado SAIA, mostra anual da produção artística do e no Instituto de Artes, passando posteriormente a substituí-lo e a ser representado por um Grupo de Pesquisa sediado no Departamento de Artes Plásticas, ambos em 2012. O *modus operandi* pelo qual o L.O.T.E. fora idealizado, e pelo qual seria reconhecido, difere do seu evento antecessor e do então formato mais tradicional de produção de eventos culturais (hierarquizado, em que os docentes são os organizadores e os discentes postos aos encargos de ajudantes ou auxiliares) e do ensino em artes (descontinuado, no qual os estudantes se reúnem somente para discussões relativas à arte, mas que, logo após, a produção é realizada individualmente no ateliê pessoal de cada um).

Ultrapassando as barreiras do lugar comum do qual muitas vezes a universidade é constituída, e tendo em vista que os “lugares” e “não-lugares” podem se tornar “espaços” de significação, sobretudo “espaços” de criação, trabalhar o conceito de ocupação artística dentro de uma universidade de artes se torna, necessariamente, uma pesquisa quase que elementar dentro do próprio campo artístico. Ocupar, neste sentido, não se determina ao simples ato de preencher um ambiente vazio com um objeto ou uma imagem artística. É necessário que haja interação imbuída de uma importante carga vivencial (no tempo), para que este “lugar” seja modificado pelas transformações devido às proximidades sucessivas desta relação. Não é o estar, em seu sentido reduzido de localizar-se, que importa, mas sim o de ocupar e o de vivenciar este local.

Assim como em O Narrador, de Walter Benjamin¹⁷, é preciso que exista um grau de sabedoria no indivíduo para que este possa vir a narrar, em sua totalidade,

17 BENJAMIN, Walter. O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história de cultura.** Tradução Sergio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

uma história, ou em nosso caso, viver efetivamente um “lugar”. E esta sabedoria descrita por ele encontra-se tecida na “substância viva da existência”¹⁸, ou seja, na experiência ela mesma. Entretanto, ao contrário do que se possa deduzir, esta sabedoria não é determinante para a constituição de relações significantes com os espaços, caso contrário só os já experientes poderiam obter novas experiências. A abertura para a imersão nessas dinâmicas a partir de uma mudança no ritmo da observação aparece como a principal proporcionadora de tais relações. Assim como há na informação uma carga inteiramente explicativa e direta que visa acelerar a compreensão do enunciado afastando, portanto, a aproximação relacional do leitor para com o fato, há no seu oposto a narração com uma linguagem indireta que privilegia o olhar decorrente de uma experiência singular e que, devido a isto, precisa de tempo para ser compreendida.

Jorge Larrosa já menciona a falta de tempo em decorrência da extrema velocidade dos fatos como um dos pontos que contribuem para o rareamento, ou mesmo a destruição, da experiência:

“O acontecimento nos é dado na forma de vivência instantânea, pontual e fragmentada. A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre os acontecimentos” (LARROSA, Jorge. 2016. p. 32)

Desse modo, a velocidade de informações e “lugares” que nos é imposta impede a memória já que cada acontecimento é substituído instantaneamente por outro sem que estes nos deixem seus vestígios, e como resultado, tem-se uma ausência da efetivação do silêncio. É neste silêncio, marcado pela suspensão temporal que, justamente, cria-se tempo para a construção de significados. É necessário estabelecer

18 Ibidem., p. 200.

uma convivência continuada do indivíduo em um determinado “lugar”, seja este um espaço físico ou abstrato.

A ocupação artística, além de contar com a ideia de apropriar-se fisicamente de lugares “não destinados” ao trabalho em artes, relaciona-se também com o sentido de se auto-ocupar, ou seja, vivenciar continuamente seus próprios processos e procedimentos artísticos. Através de um sistema de “ateliê permanente” no qual o indivíduo passa a ocupar fisicamente um local destinado à sua produção artística estabelecendo confrontos diários consigo mesmo, manifesta-se a possibilidade da (re) criação continuada da própria linguagem artística do estudante de arte, que precisa, como bem aponta Sérgio Romagnolo:

“[...] de um espaço durante o ano todo, mesmo que seja um pedaço de parede. Nesse espaço autogerido, [...] convive com seu ambiente artístico e educacional, de modo a se reinventar a todo instante, a “imitar o seu próprio fazer” permanentemente e a autogerir seu espaço continuamente, reproduzindo um modelo mais parecido com a vida comum do que com as salas de aula tradicionais.”¹⁹

Admite-se então na ocupação a existência de um espaço físico como intermediário para a manifestação da linguagem artística, mas trata-se de um espaço físico que, em si, não determina qual “lugar” o artista/estudante significará e transformará em “espaço”. Poderíamos dizer, seguindo a lógica de Michel de Certeau, que o espaço estaria para o lugar assim como a obra artística para a poética de quem a criou. Neste sentido, além das dinâmicas existentes no processo individual da construção da linguagem poética, a ocupação abre espaço para a multiplicidade de olhares através do confronto com o outro a partir do momento em

19 ROMAGNOLO, Sérgio; SPANIOL, José. Ateliê permanente. Acervo Digital UNESP. Disponível em: <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40516/1/01d18t01> . Acessado em 28/09/2016.

que há a coexistência de outros artistas ocupando o mesmo local. A arte, bem como a construção artística em geral, baseadas numa produção de linguagem inteiramente fundamentada na subjetividade, encontra no confronto com o diferente, seja pela temática, técnica ou linguagem artística, a ausência de verdades quanto à criação e fruição dela mesma. O ocupante percebe o espaço singularmente através de seus saberes vivenciais, mas este também o percebe em conjunto do outro que, por sua vez, o percebe de maneira diferente.

Diferentemente do resultado final esperado ao término de uma conta matemática, que se deseja ser o mesmo para qualquer pessoa, temos, em contrapartida, dentro das problemáticas que envolvem o campo da arte uma multiplicidade entre os resultados justamente por se esperar uma variedade de olhares sobre um mesmo assunto. Como consequência deste movimento, é possível notar que o conceito de “ocupação” se desenvolve de modo a propiciar a construção de novos saberes, bem como de novas relações entre esses saberes, contribuindo para a significação dos espaços e desenvolvimento das linguagens pessoais. Por meio da Arte-vivência o participante da ocupação tem a possibilidade de entrar em contato consigo e com os outros, e caso este outro seja um docente, transformam-se, inclusive, as relações hierárquicas porventura existentes entre eles, pois ali, na efetivação da experiência, tanto o estudante quanto o professor não são mais elementos dessa ordem hierarquizante, mas sim companheiros de profissão, ou seja, artistas.



CAPÍTULO 3

**Arte-vivência como
aprendizado artístico**

Este capítulo é destinado ao desenvolvimento de conceitos identificados nas proposições artísticas do L.O.T.E., como nas demais referências mencionadas no capítulo 1, relacionados ao aprendizado em artes através da práxis artística. As discussões se realizarão a partir de uma reflexão teórico-prática, e prático-teórica, na medida em que participei do evento, como comissão discente e artista expositor, e desenvolvi pesquisa sobre o mesmo.

Embora aqui se ressalte a vivência empírica da pesquisa científica como método de construção de conhecimento, os saberes que por ventura derivarem-se destas reflexões não visam ditar formas ou caminhos objetivos para alcançar ou proporcionar o aprendizado artístico, ou mesmo encerrar as discussões sobre tais temas. As discussões aqui expostas caminham no sentido de serem relevantes a mim e fazem parte da experiência que tive enquanto indivíduo singular na vivência com o projeto, com a pesquisa e com o próprio contexto universitário, e que por isso mesmo chegam a este ponto com base nas relações que obtive com elas na medida em que elas se construía. Portanto, é importante ressaltar que minha participação no L.O.T.E. caracteriza-se menos como método científico de pesquisa do que como uma experiência em Arte-vivência.

3.1 Autonomia

A comissão organizadora do evento, composta pelos docentes coordenadores e por estudantes dos diferentes anos do curso de Bacharelado e Licenciatura em

Artes Visuais, inicialmente pensada de modo a abarcar dois estudantes de cada ano²⁰, revela ao longo de suas edições que este número de participantes nunca fora rigorosamente alcançado, devido ao fato de sua adesão estar naturalmente subordinada à aproximação necessária com a ideia geral do projeto. Tem-se também, e não menos importante, a oscilação natural do número de discentes na comissão devido à entrada e saída de novos membros na medida em que há novas edições do evento.

Tomando como referência os objetivos gerais do projeto, em especial o item 2 que diz propiciar aos estudantes “autonomia para produzir um evento com o perfil de sua geração de jovens artistas”²¹, nota-se, somente no âmbito da concepção e produção do evento, uma transformação inerente que contribui para a elaboração de novas visões ao projeto. É esta mudança constante dos pontos de vistas trazidos como parte do repertório pessoal de cada participante que se estabelecem as renovações no perfil de cada edição do projeto. Segundo Agnus Valente, coordenador geral do projeto desde 2012 até 2016, o L.O.T.E. constitui-se como:

“uma ação em meio aos jovens profissionais da arte, embasados numa relação sem hierarquizações. Com a participação de todos, construímos o L.O.T.E. numa vivência em arte na qual somos todos propositores; é um processo de aprendizado de vias múltiplas, de proposições variadas a cada edição, enriquecedoras e estimulantes; vivemos muito distante do papel convencional professor/aluno, pois somos parceiros com um projeto de arte em comum, exercendo juntos, igualmente, a criação, o debate e a crítica de ideias.”²²

20 O curso tem duração mínima de 4 anos e duração máxima de 6 anos.

21 “Propiciar aos estudantes de Artes do Instituto: 1) uma experiência em Arte-Vivência, 2) autonomia para produzir um evento com o perfil de sua geração de jovens artistas, 3) desafios que os preparem para o enfrentamento com o meio artístico”. L.O.T.E. 2011. Formulário de Projeto de Evento Acadêmico, Científico e Cultural – Semana de Artes do IA. 2011. p.1.

22 Exposição L.O.T.E. - Lugar, Ocupação, Tempo, Espaço - 6ª edição: Grupo de Pesquisa do PPG em Artes do Instituto de Artes da Unesp produz evento. Matéria divulgada no site do Instituto de Artes da UNESP. Disponível em: <http://www.ia.unesp.br/#!/noticia/980/exposicao-lote-lugar-ocupacao-tempo-espaco-6-edicao/> Acessado em 28/09/2016

Logo, a partir de novas relações professor/estudante abrem-se novas possibilidades para a construção de novos saberes. Docentes e discentes passam a discutir a produção artística juntos através de uma ótica colaborativa. Em pé de igualdade, sem reproduzir uma estrutura de hierarquia de ideias com base em títulos institucionais, há, além do evidente esforço da desconstrução de um pensamento dogmático em relação à arte-educação, um reconhecimento da existência de saberes distintos nos outros. Os coordenadores, neste sentido, têm o papel de ao mesmo tempo orientar os passos a serem tomados como também o de deixarem-se ser orientados.

O que poderia ser considerado como um reflexo do pensamento da “autogestão” em relação à educação²³, trazendo à mente a utopia da autoeducação e da educação permanente, ou seja, para a vida toda, revela-se antes de tudo como um princípio ético a ser seguido, demonstrando-se como um caminho para a:

[...] “dialogicidade verdadeira, em que os sujeitos dialógicos aprendem e crescem na diferença, sobretudo, no respeito a ela, é a forma de estar sendo coerentemente exigida por seres que, inacabados, assumindo-se como tais, se tornam radicalmente éticos.” (FREIRE, Paulo. 2011, p. 25)

Como exemplo, elementos ligados à identidade visual do projeto e das suas edições, como o logo de 2011 (Fig.8) e a identidade visual da edição 2016 (Fig.9), foram criados pelos discentes Daniele Desierrê e Agapê (Ricardo Filho), respectivamente; o convite para palestrantes, pessoas para mesas de debates, oficinairos e propositores de atividades em geral a comporem a programação do evento L.O.T.E. são efetuados pelos discentes conforme sugestão dos próprios discentes, uma vez debatido em reuniões da comissão; algumas das ideias centrais das edições do L.O.T.E., construídas em sintonia com os desejos e anseios internos da atual equipe organizadora, foram

23 PARK, M. B.; FERNANDES, Renata Sieiro; CARNICEL, A. (Orgs.). Palavras-chaves em educação não-formal. Holambra, SP: Editora Setembro; Campinas, SP: Unicamp/CMU, 2007. p. 71-72.

propostas e desenvolvidas pelos próprios estudantes, a exemplo das edições 2015 e 2016 com as “ilhas de ocupação” e “corredores de linguagens”, respectivamente.



Figura 8. Logo L.O.T.E. 2011. Daniele Desierrê



Figura 9. Identidade Visual L.O.T.E. Ed. 2016. Agapê (Ricardo Filho)

O reconhecimento da capacidade do participante em se autogerir conforme o ser único que é, com repertórios e anseios particulares, contribui para a criação efetiva de uma prática em Arte-vivência que envolve processos, procedimentos artísticos e questões relativas ao empreendedorismo em Artes. Revela-se então, como nas JAC, a característica do estudante/artista como gestor de espaços expositivos, o qual se lança para além da criação da obra artística partindo em direção a um pensamento ligado às ideias de produção e curadoria.

Seguindo tal lógica, como princípio conceitual desde sua primeira edição, o L.O.T.E. não restringe a participação de determinadas linguagens ou expressões artísticas em seus eventos. Seus regulamentos são escritos de modo a abranger e congregar toda e qualquer forma de expressão artística, seja ela proveniente do campo visual ou não. O participante ao longo do seu percurso tem total autonomia para decidir questões como: escolha do lote (espaço destinado à ocupação artística), escolha da obra e linguagem artística, quantidade de trabalhos a serem expostos,

formato curatorial do seu lote e tudo o mais que de produção envolva este processo²⁴. Objetiva-se com isso realizar a criação de um espaço de experimentação artística e estética, mas principalmente artística (como se verá mais adiante), que esteja aberto às possibilidades do seu meio sem estar necessariamente vinculada ao ambiente da “sala de aula” da universidade.

Com isso, abrem-se as possibilidades para certos desafios reflexos da própria liberdade e autonomia proporcionadas pelo projeto. Obras como a realizada por Frederico Luca (Fig. 10), Tarja Preta, começam então a “invadir” o evento sem que seus criadores tenham efetuado suas inscrições formalmente junto à comissão organizadora. Ou ainda como a realizada por Mari Dagli (Fig. 11), clamores urbanos, instalação artística montada dentro de um dos elevadores do prédio, que passam a ocupar espaços “não destinados para tal”. A problemática que aqui se identifica acontece na medida em que os estudantes, estimulados a ocuparem, passam então a ocupar o prédio em sua totalidade. A comissão, por sua vez, se vê impelida a tomar uma decisão quanto à validação ou não de tal atitude, o que ocasionalmente, se dá perfilhada por uma pressão da própria instituição universitária²⁵.

Questões como a transgressão do regulamento como forma de negar a institucionalização da premissa artística ou da existência de um espaço expositivo ideal veem à tona em consonância com a própria proposta de ocupação sustentada pelo projeto L.O.T.E. Tais situações passam a fazer parte real da vivência em artes e revelam-se aos participantes, inclusive aos da comissão, discentes e docentes, como situações efetivas de aprendizado em artes.

24 Salvo determinadas características estruturais de algumas edições que determinam, por exemplo, que os lotes serão sorteados entre os participantes e não de livre escolha por ordem de chegada.

25 Ver Anexo 02.

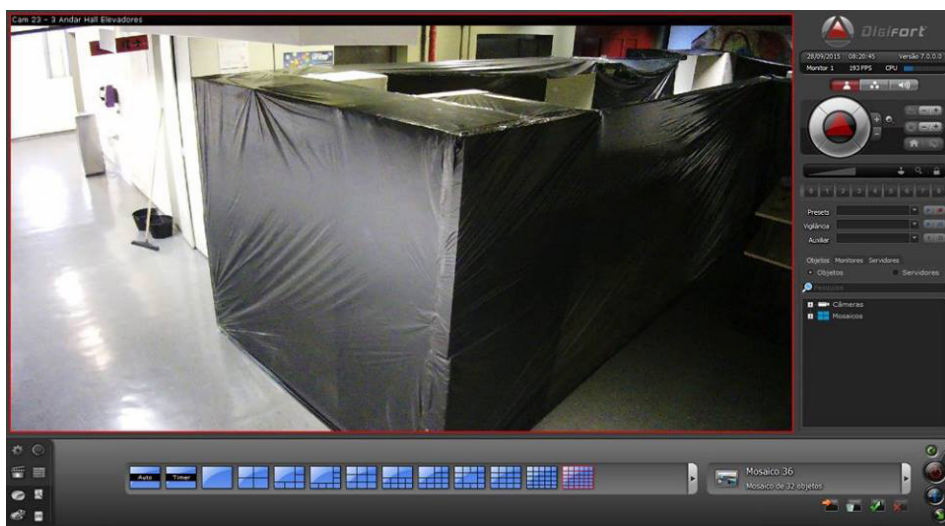


Figura 10. Frederico Luca. Tarja Preta. 2015. Instalação. Foto da câmera interna do Instituto de Artes cedida por Ricardo Grigoli.

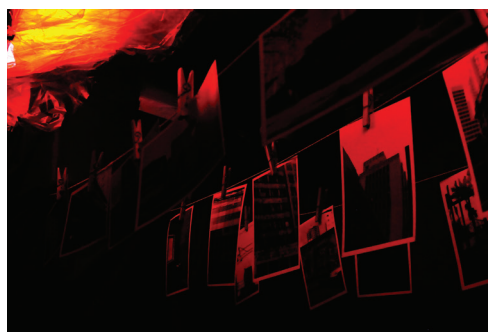


Figura 11. Mari Dagli. Clamores urbanos. 2016. Instalação. Fotos da artista.

3.2 Experiência

Falar sobre proposições em Arte-vivência nos ocorre de falarmos também em experiência, ou em experiência em artes. O primeiro ponto a se destacar no saber da experiência, segundo Larrosa (2016. p. 33), é a “sua qualidade existencial, isto é, sua relação com a existência, com a vida singular e concreta de um existente singular e concreto”. Logo, a experiência só existe na sua relação com um indivíduo, caso contrário, ela seria apenas acontecimento. O L.O.T.E., neste sentido, como propositor de situações que envolvem processos, procedimentos artísticos e questões relativas ao empreendedorismo em Artes torna-se, conseqüentemente, um agente propiciador de possíveis experiências aos seus participantes, discentes e docentes.

Diferentemente do conhecimento científico que se constitui no caminho seguro, previsível e consensual para a construção de um saber, na experiência temos a lógica do caminho incerto, singular, heterogêneo e plural. É desta forma que se pode diferenciar uma real experiência da simples experimentação científica, ou do método empírico científico. A relação singular com um indivíduo igualmente singular dificulta o estabelecimento de métodos (caminhos) objetivos que ambicionam alcançar desfechos previamente planejados:

“Se o experimento é repetível, a experiência é irrepetível, sempre há algo como a primeira vez. Se o experimento é preditível e previsível, a experiência tem sempre uma dimensão de incerteza que não pode ser reduzida. Além disso, posto que não se pode antecipar o resultado, a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer”” (LARROSA, Jorge. 2016. p. 34)

Tal afirmação reforça-se na medida em que pretendemos abordar a experiência sobre um aspecto artístico, pois estes são fundamentalmente apoiados na subjetividade individual de cada um. As proposições do projeto representadas de maneira geral na criação e exposição de um trabalho artístico, bem como na ocupação de um espaço, seja em residência artística ou não, configuram-se em imersões em processos de criação de linguagem. Enfim, é necessário que o participante do projeto esteja aberto para todas as variantes positivas e negativas deste percurso, para que seu desfecho seja significativo e relevante.

Desta maneira podemos dizer que o aprendizado artístico se constitui através da práxis artística, ou seja, conforme a vivência se desenvolve nela mesma. A qualidade da vivência que servirá como fundamento para que o indivíduo se transforme conforme os resultados dela atingidos. E, neste sentido, é necessário total envolvimento para com sua totalidade, a qual é perpassada por diversas condições a serem satisfeitas, revelando assim a organização dinâmica intrínseca à experiência. Todo o material nela adquirido tem de ser digerido, incubado e concebido por meio da interação existente entre o percurso traçado inicialmente, seu desenvolvimento e o desfecho alcançado através da sua interação com o espaço.

Lembremos a metáfora deweyana: assim como a pedra que rola montanha abaixo ansiando pelo resultado final, porém atenta aos incidentes variáveis que do percurso podem decorrer, retardando, acelerando ou até mesmo mudando sua trajetória, o indivíduo tem de demonstrar-se aberto à percepção das situações criadas por meio da sua participação no evento, respeitando suas influências no resultado final para que, segundo John Dewey, tenha uma “experiência estética”:

“Coisas físicas, vindas dos confins da Terra, são fisicamente transportadas e fisicamente levadas a agir e reagir umas sobre as outras, na construção de um novo objeto. O milagre da mente é que algo parecido ocorre em uma experiência sem transporte nem montagem físicos. A emoção é a força motriz e consolidante. Seleciona o que é congruente e pinta com suas cores o que é escolhido, com isso conferindo uma unidade qualitativa a materiais externamente díspares e dessemelhantes. Com isso, proporciona unidade nas e entre as partes variadas de uma experiência. Quando a unidade é do tipo já descrito, a experiência tem um caráter estético, mesmo que não seja, predominantemente, uma experiência estética.” (DEWEY, John. 2010. p. 120)

A partir do exposto na citação, vê-se a importância de elucidar, ainda segundo Dewey, o significado das palavras “artístico” e “estético”, em que “‘artístico’ se refere primordialmente ao ato de produção, e ‘estético’, ao de percepção e prazer”²⁶. Logo, a arte denotando um processo no qual a produção e a criação estejam intimamente ligados e, sendo a criação artística um processo de percepção do mundo, fica claro que “o ato de produzir norteado pela intenção de criar algo que seja desfrutado na experiência imediata da percepção, tem qualidades que faltam à atividade espontânea ou não controlada,”²⁷ constituindo-se, no desfecho, como uma experiência singular e estética. Agora, poder-se-ia falar em experiência estética por aqueles que não produzem/expõem objetos artísticos no L.O.T.E.?

Para responder esta questão se faz necessário considerar que, ademais o fato de que toda experiência pode vir a adquirir qualidade estética a depender da relação que o indivíduo tem com ela, observa-se na contemporaneidade a existência de uma

26 DEWEY, John. Ter uma experiência. In: _____. Arte como experiência. Organização Jo Ann Boydston; editora de texto Harriet Furt Simon; introdução Abraham Kaplan; tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 125 -126.

27 Ibidem., p. 128.

relação processual em artes entre os atos de construir algo e o de deixar-se construir por algo. O deslocamento da ênfase do objeto produzido para os processos de produção da linguagem artística apresenta largo confronto das iniciativas processuais contemporâneas com suas diferentes cargas informacionais, conteúdos semânticos e motivações interdisciplinares. Esta é uma característica que surge no contexto das vertentes artística da década de 60 e 70 no Brasil, e a qual podemos ver hoje ainda presente.

Posto que o L.O.T.E. se propõe a possibilitar uma verdadeira vivência em Arte mesmo que, no sentido mais estrito do termo sejam necessárias as experiências de apreciação e produção juntas, o participante que se envolveu integralmente com o projeto e ainda assim não apresentou nenhum objeto palpável teria, do mesmo modo, vivenciado uma real experiência estética em artes, num campo predominantemente estético.

3.3 Residência Artística

O L.O.T.E. em 2012 em decorrência do desejo de ampliar suas experiências no campo da ocupação artística levou, gratuitamente, 40 pessoas (entre docentes, estudantes de Artes do Departamento de Artes Plásticas da Unesp, da Escola de Comunicação e Artes da USP e do Instituto de Artes da Unicamp) para uma residência artística de 6 dias na Fazenda Serrinha. Esta experiência que se deu por meio de uma iniciativa única em seus moldes, realizada com apoio do Instituto de Artes e de Fabio Delduque, através de um convênio deste último com a Secretaria Estadual de Cultura do Estado de São Paulo, foi o início de uma parceria com a fazenda, a qual perdura

até os dias atuais.

Toda a área da Serrinha foi posta à ocupação e intervenção dessas 40 pessoas. As dependências do local tornaram-se ateliês onde todos trabalhavam ao mesmo tempo. A experimentação, livremente colocada frente às condições do contexto, desafiou os artistas a pensarem sua produção de maneiras diferentes das habituais. Neste espaço, discentes e docentes tornaram-se artistas, confundindo-se em meio aos processos criativos que dali foram surgindo.

Após este período de residência, produziu-se por parte da comissão da época um relatório em formato de publicação, semelhante a um catálogo, de modo a sistematizar o conhecimento construído na Fazenda Serrinha. Para tanto, cada discente enviou fotos dos seus trabalhos produzidos, individuais e coletivos, bem como um relato da experiência vivida durante o período de residência artística.

Mariana Araujo, então estudante do primeiro ano de Artes Visuais, comenta:

“Em muitos momentos questioneei a necessidade da atividade artística como produção: com hora para começar e hora para terminar. Junto a isso me vieram várias outras questões que eu já estava trabalhando no decorrer do ano relativas à criatividade e emoção (emoção como impacto gerado pela percepção do mundo, uma ideia sartreana). Por isso eu diria que a experiência da Serrinha para mim foi intensa demais.”²⁸

28 L.O.T.E. Residência Artística Fazenda Serrinha: Relatório L.O.T.E. 2012. São Paulo. 2012. p. 10.



Figura 12. Mariana Araujo. Sem título. Foto da autora na publicação do L.O.T.E. 2012. O trabalho não acompanha legenda. p. 10.



Figura 13. Mariana Araujo. Sem título. Foto da autora na publicação do L.O.T.E. 2012. O trabalho não acompanha legenda. p. 11.

Já sobre a possibilidade de diálogo com os outros através de um interesse em comum – a produção artística –, Ju Bernardo menciona:

“Outra possibilidade interessante decorrente do contexto em que estávamos foi poder dividir reflexões acerca dos projetos de trabalho com pessoas que normalmente convivemos noutras situações e sob condições distintas, inclusive com professores também libertos do ambiente institucional. Ocorreram diálogos quase íntimos entre artista e artista e não entre aluno e professor, numa troca generosa e sem competições.”²⁹

29 Ibidem., p.11.



Figura 14 e 15. Ju Bernardo. “Complementares”. Série de 5 imagens. Técnica: materiais diversos. Foto da autora na publicação do L.O.T.E. 2012. p. 14.

Franklin Dias, por sua vez fala sobre o processo da autoprodução construído ao longo da sua estadia na fazenda:

“Participar da proposta de vivência artística se deu como um intervalo na realidade, um período suspenso. De início uma oportunidade de conhecer pessoas e produzir, o que na prática dos dias se tornou muito mais uma atividade de respiração, do que de produção.

A experiência foi o mato, este mediando as interrelações e as respirações. Fiquei na casa mais afastada, na “colina” onde criamos uma irmandade de silêncios, a quietude do mato nos invadiu, viramos mato. Viver o tempo da terra, descobrir o próprio tempo como percepção, o tempo contido em cada coisa isolada na imensidão dos microcosmos e dos silêncios internos.

Não produzi, fui produzido, fui re-produzido. O mato que muda sua relação com o tempo, com o outro, com o corpo, com o movimento. O corpo sem roupa, o tempo sem relógio, a dança sem coreografia, “In natura”. Como a destruição de si mesmo, do eu construído como um início, o ponto de partida de uma linha que está por vir. Uma mancha, um ruído. Quase não descíamos

ao ateliê, já falamos tanto sobre o homem como produto de si mesmo, queríamos agora nos perceber como obra, e a casa da colina era um lugar próximo de nosso momento de concepção, tinha cheiro e cara de nascimento, de origem. Me pegava em estado de graça e gratidão, só por perceber o outro vivo e se movendo, sua existência tão estupenda, minha existência.”³⁰

Tal experiência de ocupação de um espaço, em residência artística, na Fazenda Serrinha afetou não somente os estudantes participantes, como também os docentes e o próprio projeto L.O.T.E. que, logo após, em 2013, passa a trabalhar com uma proposta de residência artística no próprio Instituto de Artes da Unesp. Assim, os participantes da edição que optarem por participar da residência tem a possibilidade de pernoitarem no 5º andar do prédio, local onde se concentram os ateliês de Artes Visuais, para imergirem em sua produção dando continuidade no projeto para o L.O.T.E., iniciarem a montagem dos trabalhos nos espaços expositivos ou simplesmente vivenciarem o espaço universitário de uma outra maneira. Em meio à multiplicidade própria da vivência do ateliê os participantes se veem então inseridos dentro de seus próprios processos artísticos, convivendo com sua obra, com o espaço e com as outras pessoas.

30 Ibidem., p.67.



Figura 16. Residência L.O.T.E. na Serrinha. 2012 – ateliê.



CAPÍTULO 4

L.O.T.E. e suas edições

Este último capítulo é destinado à organização cronológica do projeto L.O.T.E. de forma a estruturar um perfil breve das suas edições. Para isso, contará com o apoio de imagens dos eventos localizadas na página oficial do projeto no facebook e em banco de dados em nuvem, ambos na internet.

4.1 L.O.T.E. 2011

Primeira edição do projeto. Surge dentro do evento SAIA – Semana de Artes do Instituto de Artes, destinado à mostra anual dos trabalhos artísticos realizados por sua comunidade. Numa visualidade Dogville³¹, com referência também a VI JAC, os lotes são demarcados espacialmente por uma fita adesiva, sendo posteriormente sorteados entre os inscritos do projeto. Os espaços loteados incluem desde a área externa do térreo, em frente à entrada do prédio, até o 5º e último andar do instituto. Em sua programação conta com uma semana de atividades diárias que vão desde conversas sobre Arte-educação, debates sobre projetos de ocupação, apresentação de egressos sobre suas produções e carreiras e também mostra de curtas, animações e documentários pelos membros do grupo de extensão Plano 8.

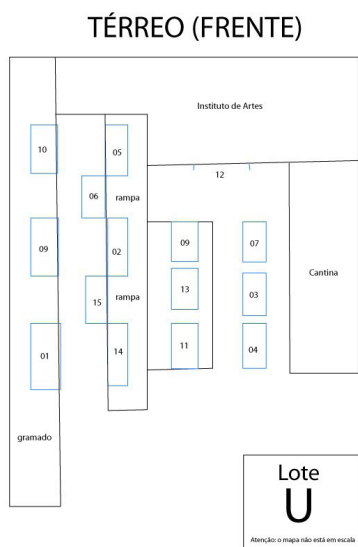


Figura 17. Planta baixa do IA com demarcações dos lotes. Térreo (externo).

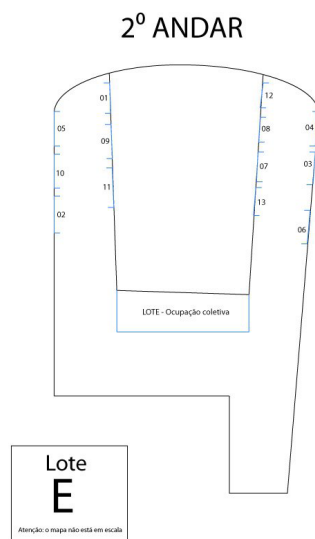


Figura 18. Planta baixa do IA com demarcações dos lotes. 2º andar.

31 Longa metragem de Lars von Trier. 2003.

4.2 L.O.T.E. 2012

A partir de 2012, o evento L.O.T.E., inscrito no CNPq e na PROEX por Agnus Valente, passa a ser representado respectivamente por um Grupo de Pesquisa e por um Projeto de Extensão, de mesmo nome, sediados no Instituto de Artes da UNESP. Além da exposição coletiva no campus do Instituto de Artes, acontece pela primeira vez no projeto uma experiência de residência artística com os participantes da edição por meio de uma parceria estabelecida com a Fazenda Serrinha. A seleção dos participantes para a residência, num total de 40 pessoas, deu-se a partir de votação (pela comissão) dos trabalhos que mais se destacaram na exposição daquele ano.



Figura 19. Preparação dos corredores para exposição coletiva L.O.T.E. no IA.

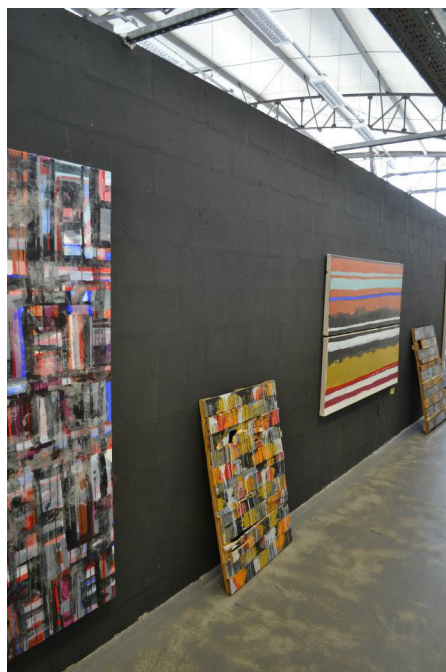


Figura 20. Felipe Morelato – s/ título. Exposição coletiva L.O.T.E. no IA.



Figura 21. Residência L.O.T.E. na Serrinha 2012. Obra coletiva: Agapê (Ricardo Filho), Maira Coelho, Flávia Kitasato, Aline Moreno, Mariana Cruz, Mônica Chan, Hugo Robledo, Romeu Mizuguchi e Danel Shoji. "Caminho do Sol". Site e time-specific realizada com bambus e tinta acrílica, para demarcar o caminho do pôr-do-sol entre os dois bambus, fenômeno a se repetir apenas daqui a um ano.

4.3 L O.T.E. 2013

Nesta edição, utiliza-se pela primeira vez a Galeria de Arte do Instituto de Artes como espaço expositivo, além dos espaços internos e externos do prédio. Acontece pela primeira vez a residência artística no Instituto de Artes, no qual os participantes do evento podem optar por pernoitarem no prédio ao longo de uma semana. Passa-se a incorporar performances artísticas e musicais no vernissage, contando, neste ano, com apresentação do grupo musical Francisco El Hombre. A festa de encerramento do período de exposições foi organizada por Daniel Lie e Marina Sarno. Com apoio da PROEX com bolsa para 3 bolsistas e financiamento para viagem, acontece residência artística na Fazenda Serrinha com 10 estudantes, por um período de 2 dias.



Figura 22. Residência artística no IA – ateliê.



Figura 23. Residência artística no IA. – Gabriel Zanetti Pieroni.

4.4 L.O.T.E. 2014

Os espaços expositivos são divididos entre três modalidades: Ocupação IA, no qual o artista ou coletivo escolheu, por ordem de inscrição, um espaço disponível dentro ou fora do prédio (dentro os demarcados ou não); Site-specific Galeria, projeto em grupo a ser montado na Galeria, concebido previamente no local a partir de encontros entre os artistas inscritos na modalidade; e Video Colaborativo Para Projeção Pública (VIDEOARTECA), montagem em looping e com créditos em display à parte dos vídeos inscritos de modo a compor um Vídeo Colaborativo em parceria com o projeto VIDEOARTECA, criado pela artista Pamela de la Vega. Após o período de exposição, o L.O.T.E. faz uma viagem à Serrinha com apoio PROEX e Núcleo de Ensino. O vernissage contou com uma nova apresentação do grupo musical Francisco El Hombre e a festa de encerramento foi organizada por Daniel Lie.

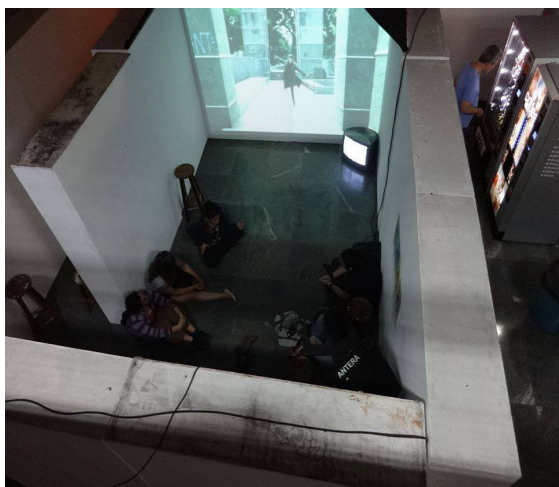


Figura 24. Bate-papo com os participantes do Vídeo Colaborativo em parceria com o projeto VideoArteca criado pela artista Pamela de la Vega.

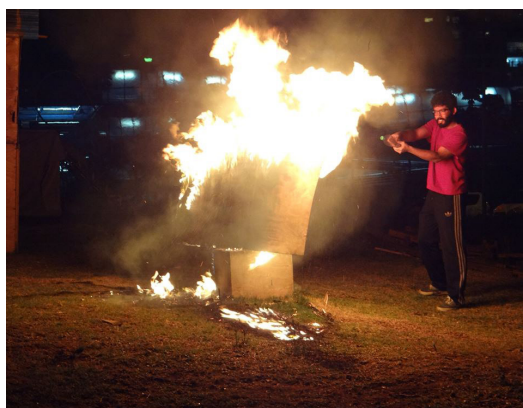


Figura 25. Leonardo Mendes em performance de pirografite no Vernissage .



Figura 26. Visitação da Galeria site-specific durante o Vernissage.

4.5 L.O.T.E. 2015

Os lotes são dispostos como grandes espaços bloqueados a partir de uma ideia de “arquipélago” ou “ilhas”. Espalhados dentro e fora do prédio, os participantes poderiam optar em qual deles expor. Os inscritos em cada ilha trabalhariam em conjunto de modo a construir um pensamento curatorial em consonância com as características dos trabalhos bem como do local. A abertura contou com apresentação musical do grupo musical Orquestra Popular de Bolso, da cantora Paula Cajú e também do grupo Relampandando, todos com formação de estudantes do Instituto de Artes. O ciclo de exposição passa a utilizar o termo “finissage” para o evento destinado ao fechamento da mostra, que, da mesma forma que no vernissage, conta com apresentações e performances. O L.O.T.E. leva alguns dos participantes daquela edição para um pernoite na Fazenda Serrinha ao final daquele ano. Esta viagem contou com apoio da PROEX (um bolsista) e do Núcleo de Ensino (hospedagem e um bolsista). Neste ano, o Projeto de Extensão do L.O.T.E. é premiado no 8º Congresso de Extensão Universitária da Unesp³², prêmio concedido pela PROEX na categoria “Trabalhos de Extensão com indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão que contribuem para a formação integradora do aluno”.

32 Congresso realizado em 1º de outubro de 2015.



Figura 27. João Beltrami em apresentação da Orquestra Popular de Bolso no Vernissage.



Figura 28. Vernissage L.O.T.E. 2015.

4.6 L.O.T.E. 2016

A proposta desta edição é dividida em 4 modalidades: OCUPAÇÃO I.A., modalidade tradicional do projeto que reúne espaços demarcados em halls, saguões e áreas internas e espaços externos não demarcados; CORREDORES DE LINGUAGENS, no qual os corredores do instituto são destinados, cada um, a uma linguagem artística específica, distribuídos entre as categorias de Desenho, Fotografia, Pintura, Reprodução Gráfica (Gravura e afins) e Técnicas Mistas Bidimensionais; GALERIA: AUTOCURADORIA, concentrada no espaço da galeria a qual é autocurada pelos seus próprios expositores inscritos; e L.O.T.E. INCORPORA, única modalidade sem inscrição, na qual há a apropriação da estrutura de ateliê permanente do 5º andar do instituto e expõe as obras recentes que ali estão em processo. Nesta edição, o L.O.T.E. deixa de ser Projeto de Extensão junto à PROEX para trabalhar somente como desdobramento do Grupo de Pesquisa. Há, assim como se deu na Serrinha em 2012, uma residência artística em Itu, interior de São Paulo, na Fundação Marcos Amaro para 40 estudantes durante um período de uma semana no complexo da Fábrica São Pedro, que conta com ateliês distribuídos em vários galpões e espaços a céu aberto.



Figura 29. Montagem Galeria - Autocuradoria. Exposição coletiva L.O.T.E. no IA.



Figura 30. Vernissage. Apresentação performances "Espelho d'água" do Coletivo Chão e "Entre Nós" de Thiago Sguoti



Figura 31. Corredor de linguagem - linguagens mistas bidimensionais. Exposição coletiva L.O.T.E. no IA.



Figura 32. Residência artística L.O.T.E. em Itu. 2016. Foto de Gabriel Zanetti Pieroni.



Figura 33. Residência artística L.O.T.E. em Itu. 2016. Foto de Gabriel Zanetti Pieroni.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O L.O.T.E. é um projeto em constante desenvolvimento. Isso se deve ao fato de que a comissão discente, sempre renovada, é parte fundamental para a proposição e construção da programação. A cada ano, as propostas se transformam conforme as novas características e interesses próprios ao perfil dos novos estudantes que participam tanto na organização do evento como na exposição de arte.

No seu percurso, até agora, percebe-se dentro das perspectivas da autonomia e da experiência que o projeto tem proporcionado situações de possíveis experiências singulares em artes aos seus participantes, sejam estudantes ou docentes. Há, por parte daqueles que frequentam as dependências do Instituto de Artes, um reconhecimento do aperfeiçoamento e da maturidade artística dos participantes do projeto, internos ou externos à Unesp. Com isso, o aprendizado em artes por meio da práxis artística se reconhece através do constante desenvolvimento dos trabalhos a cada edição. Criou-se já, em sua sexta edição, uma espécie de expectativa por parte da comunidade do I.A. em relação ao L.O.T.E., no sentido de aguardarem ansiosos pelo evento, fato este que demonstra não só um interesse por parte daqueles que não participam efetivamente do evento, mas que também revela certo planejamento artístico por parte dos que pretendem se inscrever e participar das atividades. O participante já não vai para o vivencial a partir do nada, o que poderia ser considerado como um método de criação, mas ele chega dentro da proposta do L.O.T.E. com ideias e caminhos já pensados. E neste sentido se vê necessário, para a constituição de “uma experiência”, que o participante esteja aberto a afetar-se pelas condições construídas ao longo da sua participação no evento, pois nem sempre os resultados obtidos são os esperados. Entretanto é aí, neste grau de incerteza, que reside o aprendizado artístico.

Desse modo e a partir de uma ideia de congruência metodológica (o aprendizado pela práxis), viu-se necessária minha participação na organização do projeto para que houvesse uma real compreensão de suas propostas, mesmo não sabendo em que esta experiência somática resultaria. Tal vivência não se deu com base em um pensamento de se chegar a um julgamento quanto às práticas arte-educativas do projeto. Talvez o fosse se pensarmos que o veredito neste caso seria o não veredito, ou seja, que o L.O.T.E. pode ou não proporcionar o aprendizado artístico. No fim, quem determina se o aprendizado realmente aconteceu é o participante, e tais relações significantes, proporcionadoras do aprendizado, são sempre diferentes devido acontecerem na singularidade de cada um.

Através das minhas participações no projeto nos anos de 2013 (expositor), 2015 (membro da comissão discente) e 2016 (expositor e membro da comissão discente), em paralelo com minhas pesquisas de Iniciação Científica e T.C.C. sobre o L.O.T.E., consegui identificar, hoje refletindo, que houve em mim um efetivo desenvolvimento do pensamento artístico. E concluo que ele, o L.O.T.E., também se desenvolveu comigo. Fato o é que nas reuniões do grupo de pesquisa pensa-se em transformar, a partir de 2017, o L.O.T.E. num evento bienal, com o objetivo de que este seja cada vez mais ocupado por participantes externos ao Instituto de Artes, dando-lhe um caráter cada vez mais profissional de evento de produção artística emergente.

Haja visto o desenvolvimento de um pensamento arte-educativo quanto à vivência em atelier e seus desdobramentos possíveis, mostra-se uma necessidade por minha parte de desenvolver uma linha de pensamento de cunho mais artístico, plástico e poético. Isto posto, o projeto L.O.T.E. constituir-se-á também como plano de fundo para o meu T.C.C. de Bacharelado, que será desenvolvido ao longo do ano de 2017. O objeto continuará o mesmo, porém, sua ênfase passará do estudante/artista, que pratica e aprende arte, para o artista/estudante, que pratica arte e constrói poética.

Os métodos criativos e suas resultantes poéticas, com base numa experiência vivencial em meus próprios processos, serão o centro da pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCHER, Micheael. Arte contemporânea: uma história concisa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

AUGÉ, Marc. Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Tradução Maria Lúcia Pereira. – 9a ed. – Campinas, SP: Papyrus, 2012.

BENJAMIN, Walter. O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história de cultura. Tradução Sergio Paulo Rouanet; prefácio Jeanne Marie Gagnebin. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 3a ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

COSTA, Cacilda Teixeira da. Arte no Brasil 1950-2000: Movimentos e Meios. 2º edição. São Paulo: Alameda, 2006.

DELDUQUE, M. (org). Arte Serrinha. São Paulo: Editora BEI. 2011, 208 p. Disponível em: <<http://www.arteserrinha.com.br/publicacoes/livro-arte-serrinha/>> Acesso: 15/09/2016.

DEWEY, Jhon. Ter uma experiência. In: _____. Arte como experiência. Organização Jo Ann Boydston; editora de texto Harriet Furt Simon; introdução Abraham Kaplan; tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Martins Fontes, 2010. p. 109-141.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 25. ed., São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: _____. Tremores: escritos sobre experiência. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1º edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016. p. 15-34. (Coleção Educação: Experiência e Sentido)

PARK, M. B.; FERNANDES, Renata Sieiro; CARNICEL, A. (Orgs.). Palavras-chaves em educação não-formal. Holambra, SP: Editora Setembro; Campinas, SP: Unicamp/CMU, 2007.

SILVA, Rodrigo Kuhn. A Evolução do Espaço Geográfico. Anais do XVI Simpósio de Ensino, Pesquisa e Extensão. Tema: Aprender e empreender na educação e na ciência. Santa Maria, RS, 2012. Artigo disponível em: <<http://www.unifra.br/eventos/sepe2012/Trabalhos/5199.pdf>> Acesso: 01/11/2016.

Dissertações e Teses

SEHN, Magali Melleu. A Experiência da Jovem Arte Contemporânea (JAC) no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. In: _____. A preservação de 'instalações de arte' com ênfase no contexto brasileiro: discussões teóricas e metodológicas. Tese (Doutorado) – Departamento de Artes Plásticas/Escola de Comunicações e Artes/USP. 2010, p.37-54.

PAULA, A. A. Mitos Vadios: uma experiência de arte de ação no Brasil. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da FFLCH/ECA/FAU da USP. 2008.

Catálogos e outros

Exposição L.O.T.E. - Lugar, Ocupação, Tempo, Espaço - 6ª edição: Grupo de Pesquisa do PPG em Artes do Instituto de Artes da Unesp produz evento. Matéria divulgada no site do Instituto de Artes da UNESP. Disponibilizada em: <<http://www.ia.unesp.br/#!/noticia/980/exposicao-lote-lugar-ocupacao-tempo-espaco-6-edicao/>> Acesso: em 28/09/2016

FESTIVAL ARTE SERRINHA. 14º Festival Arte Serrinha: catálogo. São Paulo, Catálogo do 14º Festival Arte Serrinha em Bragança Paulista (SP), julho de 2015.

L.O.T.E. Residência Artística Fazenda Serrinha: Relatório L.O.T.E. 2012. São Paulo. 2012.

ROMAGNOLO, Sérgio; SPANIOL, José. Ateliê permanente. São Paulo: Acervo Digital UNESP, 2012. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40516/1/01d18t01>> Acesso: 28/09/2016.



ANEXOS

ANEXO 01

História de Vida com a Arte

Gabriel Zanetti Pieroni

Em 1993, quando então completando seus 3 anos de idade, eu nasci. Espécie de presente de aniversário, bem querido posteriormente, eu sei, mas talvez e provavelmente odioso naquele momento por ter-lhe roubado a mãe e transformado aquele dia que era só teu, em nosso.

Nasci em Itu, interior de São Paulo, de um Divino ituano e uma Alcilene boituvense.

Meus avós, por parte de pai, então caseiros de um sítio, trabalhavam com gado, com café e canavial. A música sertanejo raiz, quando não só sertanejo, dividia espaço com as modas de viola e os causos caipira que contavam histórias de cães que salvavam seus donos de peçonhas venenosas que o mato trazia. Quando se falava de arte nesse ambiente era assunto pra três coisas: arte de criança, daquelas que todo mundo conhece; arte ligada as tradições que iam de festas juninas à artesanias; ou outras coisas mesmo, coisas não se entendia.

Minha mãe quando indagada sobre meus feitos “artísticos” de criança dizia: “Você sempre desenhou, sempre foi um artista”. Bom... Do interior eu vim, e é lá que eu cresci...pelo menos até certo ponto da minha vida, já que em 2001, com 8 anos de idade, mudamo-nos para São Paulo, com um novo emprego e casa alugada perto da outra parte da família, para partirmos então para prometida sortida da vida sofrida. Não, brincadeira, não era sofrida não, mas se bem que o desejo de subir na vida, isso sim era real... É claro que olhando pelo ponto de vista dos meus pais, pois afinal eu ainda era criança e somente desenho animado me satisfazia.

Se pulo parte da minha infância em Itu, terra dos exageros, é porque minha vida com

a arte, diga-se aulas de arte, exposições de arte, oficinas de arte, experimentos com a arte, não foi tão grande assim. Até porque eu criança, momento normalmente turvo na memória de um adulto, e vindo de onde eu vim, sem contato de possibilidades com a Arte, de A maiúsculo, aquela que ninguém entendia, fiquei meio sem saber porque parei num curso de pintura em que fazia quadros de peixes, flores e até arranjos de flores. Se bem que agora eu até chego a desconfiar o motivo da razão... seria o motivo pelo qual a razão me guia até então?

Bom... Na então dita São Paulo, terra das possibilidades sociais e das descobertas multiculturais, cresci dos meus 8 anos de idade para os 13, sem muito saber ou conhecer aquilo que acabo de descrever. As tais aulas de arte, exposições de arte, oficinas de arte e experimentos com a arte mais uma vez não pude ter, não me acharam, não me apresentaram. Na escola estadual em que frequentava, na Freguesia do Ó perto da Itaberaba, não me deixou sequer uma lembrança artística. Ou seja, de acordo com minha memória, não tive artes nessa escola. Mas, apesar de eu não ter sido alimentado "culturalmente", lembro-me de uma vontade irrevogável e inexplicável que tive, quando num momento aleatório me ponho com um pincel e um quadro na mão pronto para pintar um leão. E de fato pintei. Acredito ter sido um reflexo das aulas de pintura que tive quando eu ainda era naíf, só que com a diferença que agora eu pintava sozinho, e na medida em que as dúvidas iam surgindo, elas eram sanadas com as descobertas feitas ao longo do meu caminho.

Lembrando-me deste momento paulistano que não passa de 2006, quando assim retorno à minha cidade natal, recordo-me de um período de tempo ao qual me ocupei com as aulas de mangá que mantinha na grande capital. Creio não passar de 2 ou 3 meses, e que de igual valor a quantidade temporal, não muito me marcou na minha aquisição artístico-cultural. Porém, lembrar deste fato é algo importante, pois apesar de não ter sido assim tão relevante, me mostra os caminhos pelos quais passei e as atitudes que antes tomei, afinal é esse o exercício: lembrar do passado para transformar o presente.

Mas, voltando a minha história, como que "o bom filho à casa torna", estou eu,

novamente em Itu, e lá passo a estudar numa escola que mantinha uma mania particular de avaliação. Eles utilizavam-se do portfólio, que era uma pasta em que os alunos guardavam todos os trabalhos que produziam nas abas destinadas para cada disciplina. Tínhamos que produzir capas principais, capas bimestrais e semestrais. Era um saco, mas também divertido. E teve momentos em que pude explorar a arte, principalmente a do desenho, por si só. E como eu já desenhava bem, nenhum professor me chamava atenção por uma possível aventura na abstração. Entretanto, a maioria dos desenhos que fazia eram retirados de outras mídias: internet, jornais ou revistas. Sempre desenhei de observação. Esse era meu forte, e ainda é. E toda vez que algo era feito por meio da imaginação, sentia uma enorme emoção em meu coração, sentia-me orgulhoso, tinha realizado um feito histórico.

Essa escola, assim como a outra, não muito me foi de valor estético. As aulas de artes que ali tive, quando forço a cabeça em esforço de lembrar-me fico: nenhuma memória, não consigo. Para não dizer que tão nula assim tenha sido, existe uma imagem que me vem à memória, era Max Ernest, a representação de um certo Bryce Canyon através dos métodos do surrealismo. E por mais estranho que pareça, minhas primeiras visitas à museus se realizaram na disciplina de língua portuguesa. Viemos ao museu do Ipiranga, bem como ao parque que o rodeia, e posteriormente quando no 1º ano do Ensino Médio visitamos o museu que carrega o mesmo nome da disciplina, que apesar de portar a mesma sina, as aulas que ali aconteciam eram por vezes mais divertidas.

Agora vem o momento que hoje chamaria de: momento “charneira”. Queria falar um pouco da minha religião. Como todos já sabem, afinal já disse a vocês, sou Umbandista e Daimista, e outras coisas mais pois não me apego muito as definições. Quando eu tinha 14 anos, 1 ano após nossa volta ao interior, meu pai me levou num trabalho de UMBANDAIME, umbanda com daime. E a partir daí, já fazem quase 8 anos que bebo da ayahuasca, que é o santo daime. E gostaria de reviver agora uma das experiências que tive, que muito mudou do meu ponto de vista.

Apagar a luz
Acender uma vela no centro da mesa que está em frente
Colocar os dois sinos tibetanos na mesa. Um em cada ponta

Poderia falar varias coisas a cerca da religião e as influências estéticas que ela me provocou, suas roupas, suas músicas, seus ritos, etc. mas vou deixar por conta de uma experiência.

Entregar o texto 2
Beber um copinho de água simbolizando a ayahuasca
Fazer uns minutos de meditação com os sinos

Texto 2 – Silêncio

No período de carnaval em vez de sairmos para as festas costumeiras que a sociedade nos oferece, costumávamos fazer a nossa festa espiritual, o dito “carnaCURA”. Era um retiro espiritual no qual passávamos cerca de 3 ou 4 dias rezando ao nosso modo: fazendo trabalhos de santo daime, trabalhos xamânicos ou até mesmo trabalhos de umbanda, sempre com a utilização de produtos da medicina da floresta: Ayahuasca, Rapé, Kambô, Tabaco e Sananga. A utilização variava conforme a disponibilidade, pois o feitio desses medicamentos executados na sua maioria por índios amazônicos ou pessoas, sociedades e igrejas que por vontade ou demanda aprenderam a técnica e instalaram a rotina de produção em seus santuários e templos.

Num certo “carnaCURA”, vivenciei uma experiência indescritível aonde o tempo parou e a sensibilidade pessoal se aflorou. O trabalho consistia em acordar às 9 horas da manhã de um sábado e tomar daime. Nós já tínhamos feito um trabalho na noite anterior e aproveitamos para dormir no local. No geral, quando se participa do “carnaCURA”, visto que são vários

dias, sempre se dorme no local. Mas enfim... Tomamos ayahuasca e em seguida ficamos 12 horas sem falar um com o outro. Comunicamo-nos somente através de olhares e gestos, isso é claro, se houvesse a necessidade de se comunicar.

[illegible]

A vivencia foi realizada por um número de mais ou menos de 30 pessoas. Éramos separados em pares, caso um precisasse do outro, passasse mal ou qualquer outra coisa, mas ainda sim não podíamos nos comunicar a não ser com o olhar.

○ tempo parou e a sensibilidade pessoal se aflorou

○ tempo parou e a visualidade se aflorou

A boca se calou, mas a comunicação se intensificou.

Havia pessoas que não estavam participando desta vivência, logo, elas conversavam normalmente. Conversavam normalmente assuntos propícios àquele momento é claro, mas o que friso aqui é que não houve interferência negativa para o processo da vivência. Existiam ali duas realidades concomitantes, duas visões, duas formas de ver as coisas.

(Voltar texto 1)

Texto 1 – (continuação)

Bom... depois de tudo isso, de ter acendido essa chama que ainda não se apagou, gostaria de falar de mais dois outros fatos. O primeiro está ligado a minha decisão em estudar Artes Visuais, e o segundo bem posterior, ao meu intercâmbio em terras internacionais.

Desde que comecei a frequentar a igreja, iniciei-me no tambor e no violão. A habilidade com a música era de fato reconhecível. Começo então a fazer aulas de instrumento com um professor particular, e ao decorrer do tempo sou batizado Ogã do terreiro de umbanda junto ao meu pai. Ogã para quem não sabe é aquele moço batuqueiro que canta e traz energia ao terreiro.

Agredimentos de um pescador à Rainha do Mar

Conto minha história, sou pescador quando vou pra alto mar,
Faço antes uma oferenda com um pedido pra nossa mãe Yemanjá,
Levo velas e flores, de joelhos na areia ouço um canto ecoar,
E no balanço das ondas avisto a mãe sereia vindo me abençoar

É tão lindo....

É tão lindo, do horizonte ver o céu e o azul do mar,
E o meu barco indo sobras as ondas ao encontro de Yemanjá,
Jogo a minha rede e os peixes vão surgindo por ordem de Odoyá,
E com o dever cumprido, meu pedido atendido, vou meu povo alimentar
E com o dever cumprido, meu pedido atendido vou meu povo alimentar

Odoyá, Odoyá

Obrigado mãe sereia por sempre me ajudar

Odoyá, Odoyá

Ao pisar em terra firme essa santa vou louvar

Odoyá, Odoyá
Obrigado mãe sereia por sempre me ajudar
Odoyá, Odoyá
Ao pisar em terra firme essa santa vou louvar

A partir daí, meu sonho era ser músico, só que da mesma forma que a ginástica olímpica foi para meu amigo, o basquete me pegou e tornou-se no meu vício. Participava do time de itú, e até acreditei ser essa minha profissão, se não fosse uma decepção. A treinadora do time certo dia começou a me excluir, provavelmente por ruindeza minha acredito, mas como tinha meus bons 16 para 17 anos, muito fiquei ofendido. Em seguida uma reflexão rápida sobre a carreira de músico me ocorreu... achei coisa muito difícil... Foi aí que decidi ser artista visual, com um pensamento de que teria um emprego, trabalharia com arte, seria feliz e teria sossego.

E para antecipar os fatos a fim de eu não ficar chato, vou direto para o final. Com o dinheiro que guardei num longo ano de trabalho durante o intervalo do ensino médio e o ingresso universitário, eu fui para a França. Já falava razoavelmente bem o francês devido a um trauma que tive com o inglês, e após a ansiedade da aquisição de uma nova língua ter sido preenchida assim que iniciei um curso na USP com minha mais nova amiga. Então, juntando as partes, somado ao desejo eurocêntrico embutido e reproduzido pela sociedade, universitária ou não, parti para o que até agora foi o meu maior risco de vida, o maior empreendimento. Nunca tinha tomado avião. A sensação de falar francês pela primeira vez com a aeromoça foi tão legal e excitante que só se acalmou nos intervalos de medo que a viagem me pregou. Conheci muitas pessoas, vi muita Arte, com A maiúsculo, me sentia um erudito conhecedor de um novo mundo. Tem muitas coisas que ainda não foram digeridas, é verdade, muitas coisas que ainda não sei como aproveitar, pois nesse momento de viagem ao passado eu me apeguei mais no período da infância do que neste da viagem para a França. Um certo sentimento de não ter tudo aproveitado as vezes me vem, do mesmo jeito que logo me deparo

com um pensamento de que fiz tudo que pude e que o máximo aproveitei. Meio paradoxal... Pensei que na França o ensino seria mais tecnicista, pelo menos nas aulas práticas de pintura e gravura. Algumas destas expectativas foram quebradas visto que até na França professor picareta eu encontrava. Nas ruas e nos museus eu me sentia como aqueles turistas com suas máquinas fotográficas dispostos somente a registrar o conhecido, diria conhecer o conhecido. Eu de fato era um turista, um turista universitário, mas sobretudo um turista. Afinal, quando ali eu retornaria?

Na minha primeira viagem internacional, fico na França 7 meses, onde sofri um baita choque emocional. Vivi fora e sozinho. Pelas felicidades e crises, sobretudo crise artística, vejo que a viagem foi significativa. Abri meus olhos e percebi que tinha outro povo, imbuído de uma outra cultura, que apesar de serem diferentes, portavam apenas um outro olhar do mundo, outro modo de ver, outro modo de viver, um pouco como à se submeter a 12 horas sem falar para mudar a maneira de se expressar.

ANEXO 02

Informe do L.O.T.E. à Comunidade do IA

(enviado por e-mail à comunidade)

Venho apresentar à Comunidade do IA, para todas as suas categorias – estudantes, servidores e docentes – um esclarecimento sobre a obra “clamores urbanos” da artista Mari Dagli, instalada no elevador menor deste Instituto de Artes por ocasião do evento L.O.T.E. – Lugar, Ocupação, Tempo, Espaço, em sua 6ª edição, 2016.

A obra foi inaugurada no DAMB, mas por problemas próprios daquele espaço, foi preciso deslocá-la. A artista escolheu um dos elevadores para a remontagem da obra, por motivações próprias de sua poética.

Embora a mudança tenha sido realizada às pressas, a artista procurou a DSAA antes de ocupar aquele espaço e o fez com autorização. Contudo, certos aspectos da montagem criaram desconforto em algumas pessoas. Uma vez informados a respeito, a diretora Valerie Albright e o vice-diretor Wagner Cintra reuniram-se com este coordenador do evento, Agnus Valente, com a artista Mari Dagli, com a servidora Vera Cozani e com a C.I.P.A., representada por Marisa Alves e Adriano José dos Santos que, juntos, definiram alguns pontos a serem ajustados de modo a atender às reivindicações que foram feitas com relação à segurança ao usuário – e pontos a serem esclarecidos quanto ao uso inadequado às funções do elevador.

Vale lembrar, inicialmente, que a obra não inviabiliza o direito dos usuários ao elevador, uma vez que foi utilizado apenas um dos elevadores, o menor, deixando o maior disponível

para sua função usual. E que a ocupação desse espaço não é inapropriada – talvez não seja usual, e nesse sentido poderia, como docente de artes, iniciar um longo debate público sobre a utilização inusual ou inusitado que a arte faz dos espaços.

Entendo que, por estarmos num Instituto de Artes, precisamos pensar as funções de nosso espaço e equipamentos não apenas como elementos utilitários, mas como suporte para a criação artística – que é o objetivo primeiro de uma escola de arte – e também para a sensibilização de toda pessoa, quer seja público específico da arte quer seja usuário cotidiano do ambiente de trabalho. Pois que sejamos professores, estudantes, servidores, visitantes, estamos todos irmanados numa única palavra: pessoa.

O debate sobre o espaço da arte se torna enriquecedor na medida em que possamos buscar uma democratização do espaço. Nesse sentido, alguns requisitos se mostraram necessários a serem considerados e adaptados na obra, de modo a atender ao interesse de todos: Nesse sentido, eu, como coordenador geral do L.O.T.E., e a artista Mari Dagli, tomamos diversas providências acordadas nessa conversação, que apresento a seguir:

A primeira providência foi a de produzir um cartaz chamativo, afixado em todos os andares junto ao elevador pequeno, que visa a esclarecer o usuário sobre o uso específico que está sendo feito (provisoriamente) nesse elevador durante a exposição. O cartaz cientifica o usuário das condições ali existentes e assegura a esse usuário o livre-arbítrio de utilizá-lo ou não, evitando-se assim que pessoas com fobia de espaços escuros, ou com labirintite, ou com algum tipo de fragilidade ou perda de percepção espacial em penumbra, possam optar por não adentrar nesse elevador e utilizar o outro, maior, ao lado. Esse procedimento não foi inventado por nós: esse procedimento é muito utilizado em grandes museus e bienais, nacionais e internacionais, quando uma obra exposta oferece riscos ao público como, por exemplo, casos

de obras que utilizam ímas (nesses casos, os espaços são providos de alerta às pessoas que têm marca-passo), ou obras que apresentam projeções rápidas ou intensas de imagens (nesses casos, o alerta é para pessoas que sofram de labirintite, epilepsia ou ansiedade).

O cartaz que produzimos segue em anexo a este e-mail e contém os dizeres abaixo que, de forma sintética, representam o pensamento que ora vimos expor a todos de modo mais extenso e explicativo.

ATENÇÃO

ESTE ELEVADOR CONTÉM UMA ARTE-VIVÊNCIA

AMBIENTE ESCURO

Se desejar interagir,
chame-o.

Se não,
dirija-se ao outro elevador.

Uso compartilhado
para contemplar a todos,
artista, público e usuários.

"clamores urbanos", 2016

Mari Dagli

Outras providências foram tomadas na parte interna do elevador: a artista providenciou a elevação dos varais de fotografias, bem como intensificou a iluminação, fixou os panos e proveu o elevador de uma lanterna de led, focada diretamente no painel de botões do elevador, de modo que facilitou significativamente a leitura pelo público. Durante a semana, eventualmente, a bateria falhou, mas foi recarregada pela artista. Eu mesmo, por diversas vezes, utilizei o elevador e pude conferir o cumprimento desses requisitos, sempre lembrando que em princípio o público ali presente seria aquele que, tendo lido a mensagem, optou por entrar no elevador consciente de que se trata de um ambiente escuro. Com esses ajustes, chegou-se a um ponto de equilíbrio entre o desejável para a visualização do espaço pelo público espectador, sem perder o efeito visual desejado pela artista.

Com relação à obra de Mari Dagli, intitulada “clamores urbanos”, realizada neste ano de 2016, parece-nos justo que exerçamos não apenas uma crítica de logística, mas que também nos permitamos lançar um olhar poético sobre a obra e sua proposta. A artista recria o ambiente de um laboratório fotográfico no qual vemos varais que sustentam fotografias de paisagens urbanas – quem se deteve a observar as fotos penduradas sabe que tipo de realidade urbana está capturada pela câmera fotográfica. E o laboratório ali representado não é do porte da famosa e milionária cooperativa francesa de fotógrafos da Agência Magnum, por exemplo; é um laboratório improvisado com material barato, com tnt preto, com celofanes vermelhos e varais com prendedores de madeira; tão simples como a própria Magnum foi em sua origem, fundada em um minúsculo apartamento de quarto e sala. Enfim, a obra representa um laboratório improvisado e precário mas que é o lugar de criação de alguém que presumivelmente revelou e ampliou aquelas fotografias ali expostas. Nesse laboratório, situado talvez metaforicamente na mesma paisagem urbana das fotos, há um som ambiente e um movimento que nos desafia a uma experiência de arte-vivência: a despeito de toda a precariedade do laboratório, esse espaço entra em ascensão e descensão à medida que o elevador sobe e desce, causando uma

experiência corporal pendular entre o quanto a arte pode elevar o espírito em contrapartida à descida à realidade, representada nas fotografias e que surge à nossa visão quando nos deparamos com a secura da arquitetura externa ao elevador. Seguramente esta é a minha interpretação da obra e a maneira como experimento o lirismo de um ambiente que não é necessariamente aquele produzido por um rico fotógrafo com seus grandes aparatos, perfeição e assepsia num laboratório modelo internacional, mas que me faz inferir o quanto de poesia está em potencial nas periferias e toma corpo em ambientes assim improvisados. Há outras interpretações. Outras formas de apreciação. Outras experiências sensoriais... Esta é a minha.

Por fim, as providências tomadas visaram a esclarecer e demonstrar nossa predisposição em respeito aos usuários, buscando contemplar a todos com os ajustes. E, sobretudo, demonstrar a necessidade de que pensemos juntos o compartilhamento dos espaços bem como o compartilhamento de nosso objeto principal: a Arte. Uso compartilhado para contemplar o artista, o público e o usuário, ou seja, todas as pessoas – democraticamente. Para também contemplarmos a poesia no Instituto de Artes.

aGNuS VaLeNTe

L.O.T.E. – Lugar, Ocupação, Tempo, Espaço

Grupo de Pesquisa PPG Artes IA/UNESP/CNPq

Líder e Coordenador Geral

ANEXO 03

INSCRIÇÃO DE 26/ABRIL A 10/MAIO



☐ COLETIVO

☐ INDIVIDUAL

NOME: _____

CURSO: _____

☐ UNESP

☐ CONVIDADO

por: _____

e-mail: _____

REGULAMENTO: Cada participante poderá lotear os espaços com trabalhos individuais e/ou coletivos, tendo direito apenas a uma inscrição de cada. Poderá ainda convidar uma pessoa sem o vínculo com a UNESP, e a inscrição dessa deverá seguir o mesmo padrão.

Haverá no dia 12/05/2011, o sorteio dos LOTES. Estes poderão ser trocados ou negociados, desde que não seja envolvido nenhuma relação financeira. Os participantes deverão utilizar do bom senso para a realização dos trabalhos. Esses não poderão obstruir nenhuma passagem que seja de uso comum, ou de segurança. Não poderão danificar nenhum equipamento, instalação elétrica, encanamento, ou qualquer outra infra-estrutura do prédio. Deverão ter consciência de que os trabalhos não afetarão a saúde de nenhuma pessoa.

Ao final da exposição deverá entregar o espaço da mesma maneira que foi encontrado.

MANUAL L.O.T.E.

2012

O QUE É O L.O.T.E.?

LUGAR. OCUPAÇÃO. TEMPO. ESPAÇO. Uma proposta de arte e vivência que pretende transformar as relações com o Instituto de Artes da UNESP.

Como? Mediante inscrição os interessados ocuparão os espaços oferecidos do prédio, dentro e fora, adaptando suas propostas artísticas às disponibilidades dos ambientes.

Qualquer um pode participar? Qualquer estudante universitário matriculado em instituição de São Paulo pode participar.

Não tem seleção? Não! Basta realizar inscrição e estar de acordo com o regulamento.

E coletivos? Também participam. Com um responsável pela inscrição.

Onde/como consigo um LOTE?

A escolha dos LOTES acontecerá no ato de inscrição. Venha o quanto antes!

Posso trocar de LOTE? SIM, negociações fundiárias são livres.

Posso ocupar um LOTE que não existe? Um pouco! SIM, desde que tenha realizado

inscrição. **Por Qué?** Pois assim saberemos que seu LOTE existe em algum lugar e podemos colocá-lo na programação, registrá-lo e incluí-lo em futuras publicações. **SIM**, desde que seu LOTE não esteja nas áreas que serão utilizadas pelo **CONFAEB** nas próximas semanas.

Onde é isso? Informe-se com a comissão do LOTE.

SERRINHA! Onde, Qué, Qué ano é isso?

Esse ano o LOTE conta com uma parceria entre o Festival da Serrinha que prestará as dependências para a realização de uma Residência Artística aos estudantes do IA- UNESP. Localizada em Bragança Paulista, no período de 22 a 28 de Outubro de 2012. **Quais os custos?** Refeições e transporte serão subsidiados. **Como concorro?** No ato da inscrição confirme disponibilidade. Seu nome será colocado na lista para votação dos melhores LOTES. **Quanto vão?** Serão 25 estudantes do IA-UNESP e 5 estudantes de outras instituições.

***CONFAEB, Oi?** Será realizado entre 28 de outubro e 2 de novembro o Congresso da Federação de Arte Educadores do Brasil no Instituto de Artes e lugares associados.

Quem é essa Comissão ai?! Foram indicados dois estudantes de cada ano do Curso de Artes Visuais e professores. São eles: 1º Gabriel Fabosa e Isabel de Castro. 2º Jussara Ingles e Marcelo Jarozs. 3º Lídia Ganhido e Renan Torquarto. 4º Anderson Godinho e Ricardo Filho. 5º Daniele Desierrê e Monica Chan. E os professores Agnus valente, José Spaniol e Sérgio Romagnolo.

PROGRAMAÇÃO! Geridos pelo artista ou coletivo os LOTES terão programação própria. O evento também conta com palestras e uma mostra de curtas organizado pelo Cineclube Plano 8. A programação será divulgada oportunamente. Confira on line ou no LOTE do L.O.T.E.!

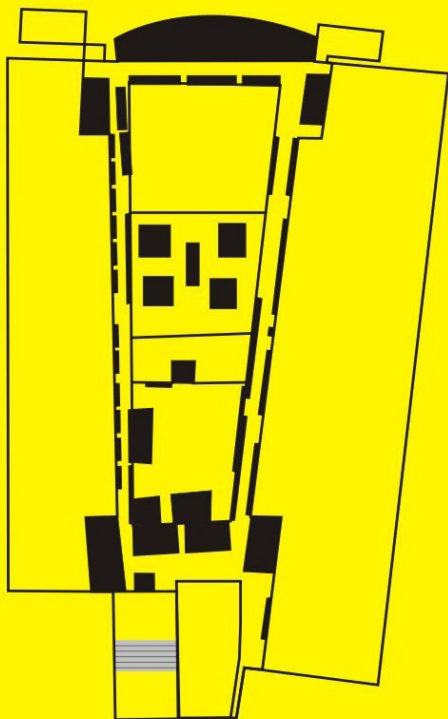
INSCRIÇÕES
4 e 5 outubro 2012
Das 11h às 18h

08 À 12 outubro
ABERTURA
15- 15, 16, 17 PALESTRAS
22 À 28- RESIDÊNCIA NA SERRINHA
novembro
ENCERRAMENTO
05 À 09- DESMONTAGEM

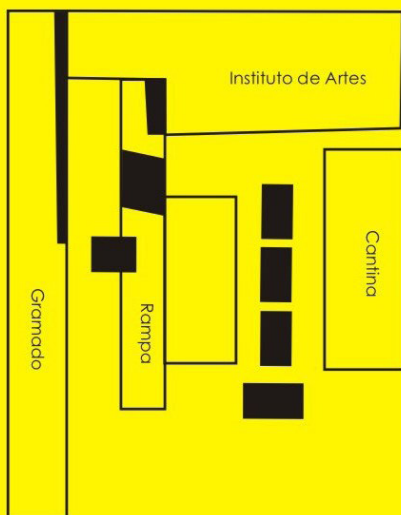
Instituto de Artes - UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Rua Dr. Bento Teobaldo Ferraz, 271
Barra Funda - São Paulo/SP Tel.: 3393-8546 Site: www.ia.unesp.br

+informações f: L.O.T.E. ou
<http://loteunesp.blogspot.com>

5º Andar



Térreo (frente)



REGULAMENTO L.O.T.E. edição 2012

CAPÍTULO I – O Evento

Art. 1º: O L.O.T.E. (Lugar, Ocupação, Tempo, Espaço) é uma Ação-vivência em Arte inspirada no programa JAC (Jovem Arte Contemporânea), Mitos Vadios, Faxinal das Artes, Festival da Serrinha etc. A proposta é demarcar lotes nos espaços internos e externos do Instituto de Artes da UNESP na rua Bento Teobaldo Ferraz, 271, Barra Funda, CEP 01140-070, São Paulo, SP (grandes áreas de metros cúbicos ou quadrados, numa visualidade DOGVILLE) e distribuí-los entre os estudantes (por ordem de inscrição), para que apresentem nesse espaço uma ação ou uma produção artística livre, de sua própria escolha.

Entre locais de ação da edição 2012 estão: a área externa do Instituto em frente à cantina, e quase todo 5º andar do prédio. Projeto envolve estudantes de Artes em cursos de Artes Visuais e afins, com participação discente de outras Instituições de ensino de Artes, como USP, UNICAMP, FAAP, Santa Marcelina, Belas Artes e outras, mediante inscrição.

Nesta edição haverá um convênio com o Festival da Serrinha, que ocorre na Fazenda da Serrinha, localizada na zona rural da cidade de Bragança Paulista, na qual os artistas selecionados participarão de uma semana de residência artística, tendo uma porcentagem reservada para artistas não matriculados no Instituto de Artes da UNESP.

Art. 2º: O Evento ocorrerá do dia 08 de outubro a 09 de novembro de 2012 no Instituto de Artes da UNESP, na Rua Bento Teobaldo Ferraz, 271, Barra Funda, CEP 01140-070, São Paulo, SP. O calendário de atividades será divulgado oportunamente.

Art. 3º: Só poderão se inscrever artistas residentes no Estado de São Paulo, e devidamente matriculados em alguma instituição de Ensino Superior.

Art. 4º: Poderão participar artistas inscritos individualmente ou como coletivo.

Art. 5º: Cada artista ou coletivo inscrito poderá ocupar apenas um "lote".

Art. 6º: Não existem categorias pré-estabelecidas para as obras neste evento.

Art. 7º: As obras não podem ultrapassar os limites pré-estabelecidos dos "lotes".

Art. 8º: Os "lotes" serão escolhidos pelo próprio participante no ato da inscrição, a partir de mapa de localização dos lotes pré-estabelecidos.

Art. 9º: O prazo de montagem das obras é de 08 de outubro a 14 de outubro de 2012 das 08h às 21h30.

§1º: Os "lotes" que não forem ocupados até 10 de outubro de 2012 serão redistribuídos para a lista de espera.

Art. 10º: O período de exposição será de 15 de outubro a 04 de novembro das 8h às 22h.

Art. 11º: A residência artística na Serrinha ocorrerá no período de 22 a 28 de outubro de 2012.

§1º: As despesas referentes à hospedagem, alimentação (café da manhã, almoço e jantar) e o transporte da Serrinha serão custeados pelo evento.

§2º: Será disponibilizado algum material para realização das obras na Serrinha, mas caso o artista utilize algum material específico, se certificar de levar consigo, desde que este não comprometa o espaço disponível do transporte.

Art. 12º: O período de desmontagem dos trabalhos é de 05 de novembro a 11 de novembro de 2012 das 8h às 21h30.

Art. 13º: É de responsabilidade do artista ou coletivo inscrito:

Todos os custos para a realização, transporte, montagem e desmontagem das obras.
Montar, manter e desmontar a obra dentro do prazo indicado pelo edital.
Devolver o espaço utilizado nas mesmas condições estruturais encontradas antes da montagem.

CAPÍTULO II – A Inscrição

Art. 14º: As inscrições serão realizadas presencialmente no Instituto de Artes da UNESP nos dias 04 e 05 de outubro de 2012 das 11h às 18h.

Art. 15º: No ato da inscrição o artista ou coletivo deverá preencher uma ficha com dados pessoais, escolher o "lote" que vai utilizar durante o evento, além de apresentar original: documento com foto e comprovante de matrícula (carteirinha, ou atestado, ou boleto).

Art. 16º: O artista poderá preencher um campo específico na ficha de inscrição manifestando seu interesse em participar da residência artística Serrinha e se submeterá aos seguintes critérios:

§1º: As vagas são limitadas. A inscrição manifestando interesse na residência artística não garante sua vaga.

§2º: As inscrições que não demonstrarem interesse na residência não serão consideradas no processo de seleção.

§3º: Não serão selecionados coletivos devido ao limite de vagas. Caso algum membro do coletivo possua interesse quanto a residência, preencher ficha específica no ato da inscrição.

§4º: Antes de preencher o campo de disponibilidade, os artistas deverão ter certeza de suas condições para viajar no período de 22 a 28 de outubro de 2012.

§5º: Só participarão da premissa de seleção os artistas que efetivamente ocuparem seus "lotes".

§6º: Existem 25 vagas que são destinadas aos artistas matriculados na UNESP, e 5 vagas são destinadas aos artistas não matriculados na UNESP.

§7º: Durante a primeira semana de exposição, a Comissão avaliará as obras expostas e selecionará, dentre os que manifestaram interesse, um grupo de artistas para participar da residência na Serrinha.

§8º: A lista de selecionados será divulgada até o dia 18 de outubro de 2012.

§9º: As vagas não preenchidas ou havendo desistências, serão repassadas para uma lista de espera.

§10º: Caso as vagas destinadas aos artistas não matriculados na UNESP não forem preenchidas, estas serão repassadas para a lista de espera dos artistas matriculados na UNESP e vice-versa.

CAPÍTULO III – Considerações Finais

Art. 17º: Apenas os participantes inscritos no evento que realmente concluírem, expuserem e desmontarem seus trabalhos dentro das datas indicadas no edital receberão o certificado de participação.

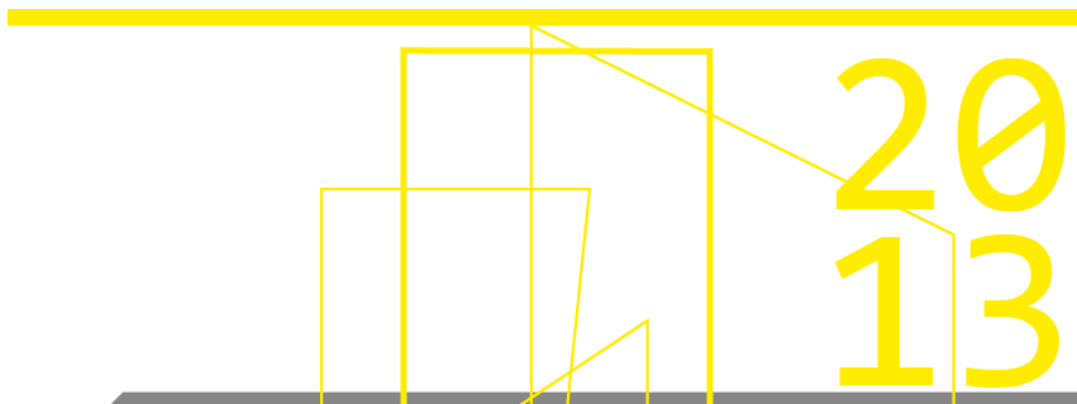
Art. 18º: Os artistas ou coletivos participantes que não cumprirem as obrigações apresentadas pelo regulamento deste edital serão responsabilizados e cobrados pelos custos necessários para a manutenção ou desmontagem da obra.

Art. 19º: O "L.O.T.E. - edição 2012" não se responsabiliza pelo abandono ou descaso dos trabalhos após o término do evento.

Art. 20º: O calendário do evento está sujeito a alterações caso sejam julgadas necessárias entre Comissão docente/discente responsável pela organização do evento.

Art. 21º: Os casos omissos neste Regulamento serão objeto de estudo e deliberação da Comissão do evento.

101



REGULAMENTO L.O.T.E. – Lugar, Ocupação, Tempo, Espaço

edição 2013

CAPÍTULO I – O Evento

Art. 1º: O L.O.T.E. (Lugar, Ocupação, Tempo, Espaço) é uma Ação-vivência em Arte inspirada no programa JAC' (Jovem Arte Contemporânea), *Mitos Vadios*, *Faxinal das Artes*, *Festival da Serrinha* etc. A proposta é demarcar lotes nos espaços internos e externos do Instituto de Artes da UNESP — na rua Bento Teobaldo Ferraz, 271, Barra Funda, CEP 01140-070, São Paulo, SP — (grandes áreas de metros cúbicos ou quadrados, numa visualidade DOGVILLE) e distribuí-los entre os estudantes (por ordem de inscrição), para que apresentem nesse espaço uma ação ou uma produção artística livre, de sua própria escolha.

Entre locais de ação da edição 2013 estão: a área da galeria do Instituto, saguão do primeiro andar (caso não tenha mais espaço na galeria) e a área externa do campus (para projetos específicos que não possam ocupar o espaço da galeria). O projeto envolve estudantes de Artes em cursos de Artes Visuais e afins, com participação discente de outras Instituições de ensino de Artes, como USP, UNICAMP, FAAP, Santa Marcelina, Belas Artes e outras, mediante inscrição.

Nesta edição, haverá um período de residência nos ateliês do Instituto de Artes, onde os participantes poderão passar os dias e as noites da semana trabalhando em seus projetos. Também ocorrerão palestras sobre experiências em outras escolas de arte, com alunos e professores do IA e artistas convidados.

Art. 2º: O Evento ocorrerá do dia 23 de setembro a 17 de outubro de 2013 no Instituto de Artes da UNESP, na Rua Bento Teobaldo Ferraz, 271, Barra Funda, CEP 01140-070, São Paulo, SP. O calendário de atividades será divulgado oportunamente.

Art. 3º: Só poderão se inscrever artistas residentes no estado de São Paulo, e devidamente matriculados em alguma instituição de ensino superior (exceção feita a estudantes da FAAC/UNESP de Bauru).

Art. 4º: Poderão participar artistas inscritos individualmente ou como coletivo.

Art. 5º: Cada artista ou coletivo inscrito poderá ocupar apenas um “lote”.

Art. 6º: Não existem categorias pré-estabelecidas para as obras neste evento.

Art. 7º: As obras não podem ultrapassar os limites pré-estabelecidos dos “lotes”. Os espaços das escadarias das saídas de emergência (internas e externas) não são considerados entre os lotes, por se tratarem de áreas de segurança.

Art. 8º: Os “lotes” serão escolhidos pelo próprio participante no ato da inscrição, a partir de mapa de localização dos lotes pré-estabelecidos.

Art. 9º: O prazo de montagem das obras é de 30 de setembro a 06 de outubro de 2013 das 08h às 21h30.

§1º: Os “lotes” que não forem ocupados até 11 de outubro de 2013 serão redistribuídos para a lista de espera.

Art. 10º: O período de exposição será de 07 de outubro a 14 de outubro das 8h às 22h.

Art. 11º: A residência artística nos ateliês do Instituto de Artes ocorrerá no período de 23 a 29 de setembro de 2013.

§1º: O LOTE apenas disponibilizará o espaço. Cada participante ficará responsável por trazer seu próprio colchonete ou barraca, arcar com despesas de alimentação e trazer seus próprios materiais para a produção do trabalho.

§2º: Os participantes poderão entrar no prédio até às 23 horas, após esse horário a entrada não será permitida por questão de segurança.

§3º: Os participantes não poderão trazer acompanhantes não inscritos no L.O.T.E. para pernoitar no prédio.

Art. 12º: O período de desmontagem dos trabalhos é de 14 de outubro a 17 de outubro de 2013 das 8h às 21h30.

Art. 13º: É de responsabilidade do artista ou coletivo inscrito:

1. Todos os custos para a realização, transporte, montagem e desmontagem das obras.
2. Montar, manter e desmontar a obra dentro do prazo indicado pelo edital.

3. Devolver o espaço utilizado nas mesmas condições estruturais encontradas antes da montagem.

CAPÍTULO II – A Inscrição

Art. 14º: As inscrições serão realizadas presencialmente no Instituto de Artes da UNESP nos dias 18, 19 e 20 de setembro de 2013 das 10h às 12h e das 14h às 18h. Serão permitidas inscrições individuais ou de coletivos, de projetos pessoais ou de curadorias. A inscrição de coletivos ou curadorias pode ser realizada por apenas um integrante do coletivo ou curador, com os dados dos demais participantes.

Art 15º: No ato da inscrição o artista ou coletivo deverá preencher uma ficha com dados pessoais, escolher o “lote” que vai utilizar durante o evento ou, caso deseje uma área não prevista pela comissão organizadora, indicar essa área com croqui ou foto do local. Caso o participante ou coletivo deseje realizar uma ação em diferentes locais, informar como “ação em trânsito”. Cada participante deve entregar: uma cópia simples de comprovante de matrícula, residência e documento com foto.

Art. 16º: O artista poderá preencher um campo específico na ficha de inscrição manifestando seu interesse em participar da residência artística no Instituto de Artes. Apenas poderá participar da residência quem declarar o interesse.

CAPÍTULO III – Considerações Finais

Art. 17º: Apenas os participantes inscritos no evento que realmente concluírem, expuserem e desmontarem seus trabalhos dentro das datas indicadas no edital receberão o certificado de participação.

Art 18º: Os artistas ou coletivos participantes que não cumprirem as obrigações apresentadas pelo regulamento deste edital serão responsabilizados e cobrados pelos custos necessários para a manutenção ou desmontagem da obra.

Art 19º: O “L.O.T.E. - edição 2013” não se responsabiliza pelo abandono ou descaso dos trabalhos após o término do evento.

Art. 20º: O calendário do evento está sujeito a alterações caso sejam julgadas necessárias entre Comissão docente/discente responsável pela organização do evento.

Art. 21º: Os casos omissos neste Regulamento serão objeto de estudo e deliberação da Comissão do evento, bem como casos de projetos que afetem a segurança do público e usuários do espaço será submetidos a avaliação da DSAA e CIPA para avaliação e busca de soluções.

Coordenação do projeto / Comissão Docente:

Agnus Valente (coordenação geral junto à PROEX)

José Spaniol

Sérgio Romagnolo

Comissão Discente UNESP:

Vitor Matsumoto Sório e Ingrid Monreal (BLAV I)

Isabel de Castro e Gabriel Fabosa (BLAV II);

Marcelo Jarosz e Rachel Sena (BLAV III);

Renan Torquato (BLAV IV);

Veteranos: Mônica Chan e Thomaz Rosa

Monitores dos coordenadores: Anderson Godinho e Gustavo Bartolini

Sub-comissão de Loteamento: Comissão Discente.

Sub-comissão de Mediação nas Palestras: José Spaniol

Identidade visual desde 2011: Daniela Desiree

Projeto Gráfico: Monica Chan com colaboração de Anderson Godinho.

Logo do L.O.T.E.: Daniela Desierrê

Empreendedorismo: AJA/A Jr. Artes: Carolina Carrasco e Lauro Elme.

Comissão de funcionários:

Comissão de Serviços, Segurança e CIPA: Ricardo Grigoli (DSAA), Adriano José dos Santos (SAA) e Marcelo Fernando de Andrade (representante CIPA).

Luiz Carlos Zanirato e Vera Cozzani (DAP)

Realização:

DAP, Instituto de Artes e PROEX – Pró-Reitoria de Extensão Universitária



REGULAMENTO

CAPÍTULO I – O Evento

Art. 1º: **L.O.T.E. – Lugar, Ocupação, Tempo, Espaço** – é uma Ação-vivência em Arte inspirada no programa JAC' (Jovem Arte Contemporânea), *Mitos Vadios, Faxinal das Artes, Festival da Serrinha* etc. A proposta é ocupar espaços do Instituto de Artes da UNESP — na rua Bento Teobaldo Ferraz, 271, Barra Funda, CEP 01140-070, São Paulo, SP. O Projeto envolve estudantes de Artes em cursos de Artes Visuais e afins, com participação de estudantes de outras Instituições de ensino de Artes, como USP, UNICAMP, FAAP, Santa Marcelina, Belas Artes e outras, mediante comprovante de inscrição. A proposta da edição deste ano é que os artistas escolham entre três modalidades:

1. **Ocupação IA:** Espaços do interior do prédio do IA e os espaços externos serão loteados. O artista ou coletivo escolherá um espaço disponível (dentre os demarcados ou não) e informará no ato da inscrição – e reservará o local desejado por ordem de inscrição.
2. **Site-specific Galeria:** Projeto em grupo a ser montado na Galeria em outubro; o mesmo será concebido previamente, *in loco*, a partir de “encontros de agosto na Galeria” entre os artistas inscritos nessa modalidade.
3. **Vídeo Colaborativo para Projeção Pública:** Inscrição de vídeos (curta duração, de até 5min) para compor um Vídeo Colaborativo em parceria com o projeto VIDEOARTECA, criado pela artista Pamela de la Vega, com o qual haverá um intercâmbio de produções. O Vídeo Colaborativo será montado em *looping* e sem créditos (os participantes serão creditados em *display* à parte). O material será exibido integralmente no espaço interno do IA durante o dia e, à noite, no espaço externo, em versão específica a ser incluída na programação do evento, com o intuito de atingir o público externo ao IA. Para a montagem do material a ser projetado, os inscritos deverão entregar seus vídeos previamente (conferir *deadline* no Calendário), em CD ou DVD, para a funcionária Vera Lúcia Cozani, Assistente de Suporte Acadêmico, na sala 507, ou então enviar para o e-mail loteiaunesp@gmail.com

Obs.: Os artistas que produzirem vídeos autorais ou independentes não são obrigados a se inscreverem na modalidade de Vídeo Colaborativo; nesse caso, inscrevem-se na modalidade “Ocupação IA” e indicam o local desejado para sua exibição.

Art. 2º: **CALENDÁRIO:** O evento ocorrerá do dia 23 de setembro a 30 de outubro de 2014, no Instituto de Artes da UNESP:

18 e 19 de Agosto – Inscrições no *Hall* do Instituto de Artes, em dois horários:

a) das 10h às 12h; b) das 14h às 16h.

23 a 29 de Agosto – Encontros de agosto na Galeria (concepção do *Site-specific*).

23/setembro – *deadline* para entrega de vídeos para o projeto Vídeo Colaborativo;

23/setembro a 06/outubro – residência artística nos ateliês do 5º andar;

01 a 06 de outubro das 08h00 às 22h00 (e horário integral para os residentes) – montagem dos trabalhos pelos participantes com acompanhamento da Comissão Discente e Comissão de Serviços e Segurança;

07/outubro – Abertura com Vernissage a partir de 19h no 1º andar IA/UNESP;

08 a 30/outubro das 10h às 22h – visitação do público;

30/outubro – **Festa de Encerramento** (o local e o horário serão divulgados na Programação, posteriormente, via *facebook*, *e-mail* e cartazes).

31/outubro a 02/novembro das 08h00 às 22h00 – Desmontagem dos trabalhos.

Art. 3º: **PROGRAMAÇÃO:** A programação do evento será divulgada oportunamente.

CAPÍTULO II – A Inscrição

Art. 4º: As inscrições serão realizadas presencialmente no Instituto de Artes da UNESP.

Art. 5º: Poderão se inscrever estudantes (artistas, curadores e interessados em Arte), egressos ou regularmente matriculados em alguma instituição de ensino superior, ou interessados que possuam vínculo com Arte (comprovado em material de divulgação impresso/*online* como folder, catálogo de exposição ou certificado de participação em evento artístico etc.):

§1º: Poderão participar pessoas inscritas individualmente, em grupo ou coletivo.

§2º: No ato da inscrição, o artista ou coletivo deverá preencher uma ficha com dados pessoais; informar a(s) modalidade(s) de sua participação; declarar se tem interesse ou não na residência artística; escolher ou informar o “lote” que vai ocupar – e entregar: uma cópia simples de comprovante de vínculo com Arte (matrícula em alguma instituição de ensino de Arte, folder, catálogo etc.); comprovante de residência e documento com foto.

§3º: a inscrição de coletivos ou curadorias pode ser realizada por apenas um integrante do coletivo ou curador, com os dados dos demais participantes.

Art. 6º: Cada participante, artista, grupo ou coletivo poderá inscrever-se em quantas modalidades desejar.

Art. 7º: Não existem categorias de Arte pré-estabelecidas para inscrição neste evento.

Art. 8º: Os “lotes” serão escolhidos ou indicados pelo próprio participante no ato da inscrição, a partir de mapa de localização dos “lotes” pré-estabelecidos – com a possibilidade também do participante indicar um “lote” não demarcado pela Comissão. Não há a possibilidade de escolher mais de um “lote” por ocupação, será um “lote” para cada inscrição realizada pelo artista ou coletivo, salvo no caso de inscrição de curadoria.

CAPÍTULO III – Das responsabilidades

Art. 09º: Responsabilidade do artista ou coletivo inscrito:

§1º: **na residência artística** nos ateliês do Instituto de Artes:

- 1 - Cada participante ficará responsável por trazer seu próprio colchonete ou barraca e arcar com despesas de alimentação. A Comissão organizadora do L.O.T.E. disponibilizará apenas o espaço.
- 2 - Os participantes poderão entrar no prédio até 23 horas, após esse horário a entrada não será permitida por questão de segurança.
- 3 - Os participantes não poderão trazer acompanhantes não inscritos no L.O.T.E. para pernoitarem no prédio.
- 4 - É vedada a entrada com drogas e bebidas alcoólicas.

§2º: **na montagem, nos espaços internos/externos** do Instituto de Artes:

1. Trazer seus próprios materiais para a produção do trabalho e arcar com todos os custos para a realização, transporte, montagem e desmontagem das obras.
2. Montar, manter e desmontar a obra dentro do prazo indicado no Calendário.
3. Devolver o espaço utilizado nas mesmas condições estruturais encontradas antes da montagem.

Art. 10º: As obras não podem ultrapassar os limites pré-determinados dos “lotes” nos casos de espaços demarcados pela Comissão Organizadora e também nos casos dos espaços livres demarcados pelo participante no ato da inscrição.

Art. 11º: Os “lotes” não ocupados até o dia 04 de outubro serão redistribuídos entre participantes em lista de espera do espaço correspondente ou interessados.

CAPÍTULO IV – Considerações Finais

Art. 12º: Apenas os participantes inscritos no evento que realmente concluírem, expuserem e desmontarem seus trabalhos dentro das datas indicadas no edital receberão o certificado de participação.

Art. 13º: Os artistas ou coletivos participantes que não cumprirem as obrigações apresentadas pelo regulamento deste edital serão responsabilizados e cobrados pelos custos necessários para a manutenção ou desmontagem da obra.

Art. 14º: Os espaços das escadarias das saídas de emergência (internas e externas) não são considerados entre os “lotes”, por se tratarem de áreas de segurança – participantes que não cumprirem este item do edital serão responsabilizados e cobrados pelos custos, danos e consequências do descumprimento das normas de segurança.

Art. 15º: Esta edição do L.O.T.E. será rígida quanto à retirada dos trabalhos na desmontagem, não se responsabilizando pela integridade de trabalhos abandonados após o término do evento, que serão encaminhados pela Comissão para descarte.

Art. 16º: A Comissão Organizadora do evento não se responsabiliza por danos que possam eventualmente ocorrer às obras durante a exposição.

Art. 17º: É vedada a entrada com bebida alcoólica e drogas nas dependências do Instituto de Artes, ficando o infrator responsabilizado por problemas que possam eventualmente decorrer de sua não-observância a este quesito.

Art. 18º: O calendário do evento está sujeito a alterações caso sejam julgadas necessárias entre as Comissões docente e discente, responsáveis pela organização do evento.

Art. 19º: Ao inscrever-se no evento L.O.T.E., o inscrito assume a concordância e compromisso com o teor deste Regulamento e seu cumprimento, a ser zelado pela Comissão Organizadora; contudo, a responsabilidade ou ressarcimento por danos causados pelo seu descumprimento fica a encargo do participante.

Art. 20º: Os casos omissos neste Regulamento serão objeto de estudo e deliberação da Comissão Organizadora do evento, bem como casos de projetos que afetem a segurança do público e usuários do espaço serão submetidos a avaliação da DSAA e CIPA para avaliação e busca de soluções.





Evento id PROEX 7386 do Projeto de Extensão Universitária 2014
Realização do Grupo de Pesquisa IA/UNESP/CNPq
L.O.T.E. - Lugar, Ocupação, Tempo, Espaço

Coordenação / Comissão Docente:

Agnus Valente (coordenação geral)
 José Spaniol
 Sérgio Romagnolo

Comissão de Funcionários IA/UNESP:

Comissão de Serviços, Segurança e CIPA:

Ricardo Grigoli (DSAA)
 Adriano José dos Santos (SAA)
 Marcelo Fernando de Andrade (CIPA)

Comissão Técnica:

Luiz Carlos Zanirato (DAP)
 Vera Cozani (DAP)

Comissão de Loteamento:

Anderson Godinho
 Sandra Mazzini
 Fábio Kanashiro
 e colaboradores

Logo L.O.T.E. e identidade visual 2011:

Daniele Desierrê

Comissão Discente IA/UNESP:

Discentes:

Mari Dagli (BLAV I)
 Tainah Boarini Bernardo (BLAV I)
 Caio Netto (BLAV II)
 Gabriel Fabosa (BLAV III);
 Fábio Kanashiro (BLAV IV)

Monitores dos coordenadores:

Anderson Godinho
 Sandra Mazzini
 Bruno Lopes Saissi

Bolsistas:

Raquel Sena (BLAV IV):
 bolsista PROEX/UNESP
 Luiz Fernando Misao Costa (BLAV II):
 bolsista Núcleo de Ensino/UNESP.

Projeto Gráfico 2014:

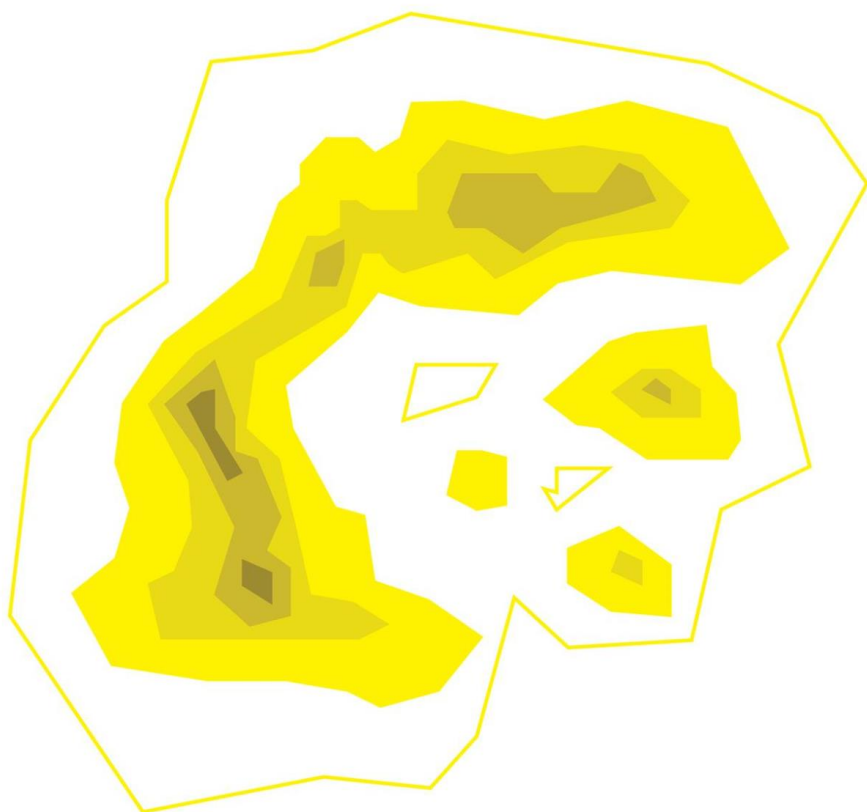
Fábio Kanashiro
 Anderson Godinho
 Raquel Sena

Realização:



DAP-IA/UNESP





LOTUS UNESP
Instituto de Artes



2015 | REGULAMENTO

REGULAMENTO

CAPÍTULO I – O Evento

Art. 1º: **L.O.T.E. – Lugar, Ocupação, Tempo, Espaço** – é uma Ação-vivência em Arte inspirada no programa JAC' (Jovem Arte Contemporânea), *Mitos Vadios*, *Faxinal das Artes*, *Festival da Serrinha* etc. A proposta é ocupar espaços do Instituto de Artes da UNESP – na rua Bento Teobaldo Ferraz, 271, Barra Funda, CEP 01140-070, São Paulo, SP. O Projeto envolve estudantes de Artes em cursos de Artes Visuais e afins, com participação de estudantes de outras Instituições de ensino de Artes, como USP, UNICAMP, FAAP, Santa Marcelina, Belas Artes e outras, mediante comprovante de inscrição na instituição ou comprovante de participação em atividades na área. A proposta desta edição será de modalidade única:

L.O.T.E. 7 ilhas: Como um desafio aos participantes, sete grandes áreas serão bloqueadas, compondo as 7 ilhas, quatro internas (no interior do prédio do IA) e três externas (espaços localizados após o estacionamento). As plantas serão divulgadas logo após o lançamento deste regulamento. O artista ou coletivo escolherá a ilha desejada (somente dentre as demarcadas nesta edição) e a reservará por ordem de chegada no ato da inscrição presencial (ou de representante que compareça presencialmente). As inscrições serão apenas presenciais. Os inscritos em cada ilha decidirão, em comum acordo, a forma de ocupação da área. Os lotes serão restritos a essas áreas; não serão considerados como expositores do L.O.T.E. 2015 nem contará com infra-estrutura do evento quem montar obra em outras áreas.

Art. 2º: **CALENDÁRIO:** As atividades ocorrerão do dia 13 de setembro a 13 de outubro de 2015, no Instituto de Artes da UNESP:

1º de setembro – Lançamento do regulamento.

09, 10 e 11 de setembro – Inscrições presenciais para lotes-ilhas externas.

10 e 11 de setembro – Inscrições presenciais para lotes-ilhas internas.

Local: AJA, Instituto de Artes, 5º andar, sala 504, em dois horários:

a) das 10h às 12h; b) das 14h às 16h.

20 a 28 de setembro – Residência artística nos ateliês do 5º andar;

20 a 27 de setembro – das 08h00 às 22h00 (e horário integral para os residentes) – montagem dos trabalhos pelos participantes com acompanhamento da Comissão Discente e da Comissão de Serviços e Segurança;

26/setembro – data-limite para cada inscrito iniciar os trabalhos nas ilhas;

28/setembro – Abertura a partir de 17h nas ilhas externas e 18h no 1º andar IA/UNESP, com performances e apresentações musicais até 22h;

29 a 13/outubro das 10h às 22h – visitação do público;

13/outubro – Programa de Encerramento

14 e 15/outubro das 08h00 às 22h00 – Desmontagem dos trabalhos.

Art. 3º: **PROGRAMAÇÃO:** A programação do evento será divulgada oportunamente (loais e horários serão divulgados, posteriormente, via *facebook*, *e-mail* e cartazes).



CAPÍTULO II – A Inscrição

Art. 4º: As inscrições serão realizadas somente presencialmente no IA/UNESP.

Art. 5º: Poderão se inscrever estudantes (artistas, curadores e interessados em Arte), egressos ou regularmente matriculados em alguma instituição de ensino superior, ou interessados que possuam vínculo com Arte (comprovado em material de divulgação impresso/online como folder, catálogo de exposição ou certificado de participação em evento artístico etc.):

§1º: Poderão participar pessoas inscritas individualmente, em grupo ou coletivo.

§2º: No ato da inscrição, o artista ou coletivo deverá preencher uma ficha com dados pessoais; informar a ilha de sua escolha; declarar se tem interesse ou não na residência artística – e entregar: uma cópia simples de comprovante de vínculo com Arte (matrícula em alguma instituição de ensino de Arte, folder, catálogo etc.); documento com foto e apresentar um telefone de contato familiar.

§3º: a inscrição de coletivos ou curadorias pode ser realizada por apenas um integrante do coletivo ou curador, com os dados dos demais participantes.

Art. 6º: Cada participante/artista/grupo/coletivo poderá inscrever-se em no máximo duas ilhas; casos em que ocorra inscrição de participante(s) em mais de uma ilha serão encaminhados para deliberação da Comissão Organizadora.

Art. 7º: Não existem categorias de Arte pré-estabelecidas para inscrição neste evento.

Art. 8º: Os lotes-ilhas serão escolhidos pelo próprio participante no ato da inscrição, a partir de mapa de localização pré-estabelecido – não serão realizadas inscrições de ilhas não demarcadas pela Comissão.

CAPÍTULO III – Das responsabilidades

Art. 09º: Responsabilidade do artista ou coletivo inscrito:

§1º: **na residência artística** nos ateliês do Instituto de Artes:

- 1 - Cada participante ficará responsável por trazer seu próprio colchonete ou barraca e arcar com despesas de alimentação. A Comissão organizadora do L.O.T.E. disponibilizará apenas o espaço.
- 2 - Os participantes poderão entrar no IA das 07h00 até 22h50min, fora desse horário a entrada não será permitida por questão de segurança.
- 3 - O ir e vir será livre, porém, respeitando o item 2.
- 4 - Os participantes não poderão trazer acompanhantes não inscritos no L.O.T.E. para pernoitarem no prédio.
- 5 - É vedada a entrada e ingestão de drogas e bebidas alcoólicas.

§2º: na montagem, nas ilhas internas/externas do Instituto de Artes:

1. Trazer seus próprios materiais para a produção do trabalho e arcar com todos os custos para a realização, transporte, montagem e desmontagem das obras.
2. Montar, manter e desmontar a obra dentro do prazo indicado no Calendário.
3. Devolver o espaço utilizado nas mesmas condições estruturais encontradas antes da montagem.

Art. 10º: As obras não podem ultrapassar os limites pré-determinados das ilhas e acordados entre os artistas nela inscritos.

Art. 11º: As áreas não ocupadas até a data-limite de ocupação dos lotes-ilhas (cf. Calendário) serão redistribuídas entre participantes do espaço correspondente ou interessados, mesmo que não inscritos previamente, não cabendo ao inscrito qualquer reclamação.

CAPÍTULO IV – Considerações Finais

Art. 12º: Apenas os participantes que realmente concluírem e expuserem seus trabalhos no evento receberão o certificado de participação.

Art. 13º: Os artistas ou coletivos participantes que não cumprirem as obrigações apresentadas pelo regulamento deste edital serão responsabilizados e cobrados pelos custos necessários para a manutenção ou desmontagem da obra.

Art. 14º: Os espaços das escadarias das saídas de emergência (internas e externas) não são considerados entre os “lotes-ilhas”, nem do grupo do 1º andar e nem do grupo do 5º andar, por se tratarem de áreas de segurança – participantes que não cumprirem este item do edital serão responsabilizados e cobrados pelos custos, danos e consequências do descumprimento das normas de segurança.

Art. 15º: Esta edição do L.O.T.E. será rígida quanto à retirada dos trabalhos durante o período de desmontagem, não se responsabilizando pela integridade de trabalhos abandonados após o término do evento e penalizando os autores com restrições a participação em edição seguinte.

Art. 16º: A Comissão Organizadora do evento não se responsabiliza por danos que possam eventualmente ocorrer às obras durante a exposição.

Art. 17º: É vedada a entrada com bebida alcoólica e drogas nas dependências do Instituto de Artes, ficando o infrator responsabilizado por problemas que possam eventualmente decorrer de sua não-observância a este quesito.

Art. 18º: O calendário do evento está sujeito a alterações caso sejam consideradas necessárias entre as Comissões docente e discente, responsáveis pela organização do evento.

Art. 19º: Ao inscrever-se no evento L.O.T.E., o inscrito assume a concordância e compromisso com o teor deste Regulamento e seu cumprimento, a ser zelado pela Comissão Organizadora; contudo, a responsabilidade ou ressarcimento por danos causados pelo seu descumprimento fica a encargo do participante.

Art. 20º: Os casos omissos neste Regulamento serão objeto de estudo e deliberação da Comissão Organizadora do evento, bem como casos de projetos que afetem a segurança do público e usuários do espaço serão submetidos a avaliação da DSAA e CIPA para avaliação e busca de soluções.

Evento PROEX do Projeto de Extensão Universitária 2015
Realização do Grupo de Pesquisa IA/UNESP/CNPq
L.O.T.E. - Lugar, Ocupação, Tempo, Espaço

Coordenação / Comissão Docente:

Agnus Valente (coordenação geral)
 José Spaniol
 Sérgio Romagnolo

Comissão de Funcionários IA/UNESP:

Comissão de Serviços, Segurança e CIPA:

Ricardo Grigoli (DSAA)
 Adriano José dos Santos (SAA)
 Marcelo Fernando de Andrade (CIPA)

Comissão Técnica:

Luiz Carlos Zanirato (DAP)
 Vera Cozani (DAP)

Comissão de Loteamento:

Anderson Godinho
 Agapê (Ricardo Filho)
 e colaboradores

Logo L.O.T.E. (2011):

Daniele Desierrê

Comissão Discente IA/UNESP:

Clarissa Ricci Guimarães
 João Vitor Brito
 André Bontorim
 Beatriz Ruco
 Anderson Godinho
 Ricardo Filho

Monitores dos coordenadores:

Anderson Godinho
 Fred Ravioli
 Otávio Barata
 Marco Baena

Bolsistas:

Tainah Boarini Bernardo (BAAE II - PROEX/UNESP)
 Luiz Fernando Misao Costa (Bolsa Núcleo de Ensino/UNESP).
 Gabriel Zanetti Pieroni (PIBIC - CNPq)

Projeto Gráfico 2015:

Agapê (Ricardo Filho)
 Anderson Godinho

Realização:



Apoio:

DAP-IA/UNESP



R
E
G
U
L
A
M
E
N
T
O



LOTUS
Biblioteca de Artes
2016

Prêmio PROEX 2015, na categoria

“Trabalhos de Extensão com indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão que contribuem para a formação integradora” do estudante, conferido pela PROEX por sua participação no 8º Congresso de Extensão Universitária da UNESP, realizado em 1º de outubro de 2015.

R E G U L A M E N T O

CAPÍTULO I – O Evento

Art. 1º: **L.O.T.E. – Lugar, Ocupação, Tempo, Espaço** – é uma Ação-vivência em Arte inspirada nos programas *JAC’* (Jovem Arte Contemporânea), *Mitos Vadios*, *Faxinal das Artes* e *Festival da Serrinha*. A proposta é ocupar espaços do Instituto de Artes da UNESP — sediado na rua Bento Teobaldo Ferraz, 271, Barra Funda, CEP 01140-070, São Paulo, SP - através de demarcações de lotes em alguns dos seus espaços internos (grandes áreas de metros cúbicos ou quadrados, numa visualidade DOGVILLE) e distribuí-los entre os estudantes para que apresentem, nesse espaço, uma ação ou uma produção artística livre, de sua própria escolha - com a possibilidade de agenciamentos entre os participantes caso desejem trocar áreas ou obter áreas maiores, no sentido de se organizarem entre eles ou formarem grupos para aglutinar e expandir os espaços. No ato da inscrição, não é preciso apresentar projeto da obra a ser exposta, apenas informar o espaço desejado para sua ocupação. O L.O.T.E. é aberto a estudantes de Artes em cursos de Artes Visuais e afins, e também aberto à participação de estudantes de outras Instituições de ensino de Artes, como USP, UNICAMP, FAAP, Santa Marcelina, Belas Artes e outras, mediante comprovante de inscrição na instituição ou comprovante de participação em atividades na área. A proposta desta edição será dividida em 4 modalidades:

1. **OCUPAÇÃO I.A.:** modalidade tradicional do L.O.T.E. que reúne espaços demarcados em *halls*, *saguões* e áreas internas do Instituto de Artes; e espaços não demarcados em áreas externas (o inscrito descreve a localização do espaço desejado ou indica por foto). Os trabalhos a serem realizados nesses espaços podem pertencer livremente a qualquer categoria artística;

2. **CORREDORES DE LINGUAGENS:** destinados a linguagens artísticas específicas:
 - i) Desenho: Térreo (corredor direito) e 2º andar (corredor esquerdo)
 - ii) Fotografia: 4º andar (corredor esquerdo)
 - iii) Pintura: 1º andar (corredor direito)
 - iv) Reprodução gráfica (gravuras e afins): 3º andar (corredor esquerdo)
 - v) Técnicas mistas bidimensionais: Térreo (corredor esquerdo); 2º e 3º andar (corredor direito)
3. **GAERIA: AUTO-CURADORIA:** representada pelo espaço da galeria do Instituto de Artes, sendo esta autocurada por seus expositores que, após se inscreverem, reúnem-se no espaço da galeria para deliberarem juntos a organização das obras a serem expostas. Somente os inscritos que comparecerem às reuniões e participarem do processo de autocuradoria exporão.
4. **L.O.T.E. INCORPORA:** única modalidade sem inscrição devido ao caráter de adesão frente aos trabalhos em processo dos estudantes no 5o andar, como reflexo ao movimento de ocupação artística estimulado pelo L.O.T.E. desde sua primeira edição em 2011. Os artistas que possuem trabalhos em andamento poderão aderir ao L.O.T.E., preparando o trabalho para a exposição e colocando etiqueta com nome da obra e do autor.

Os participantes ocuparão o *campus* durante um período precedente à abertura da exposição, destinado à semana de imersão palestras, mesas de discussão, oficinas, residência artística, atividades em geral e montagem das obras para a exposição, comprometendo-se a liberar os espaços ocupados ao término da mesma para eventos futuros, com exceção da modalidade L.O.T.E. INCORPORA. Todo este processo será documentado pela Comissão Organizadora Discente para futura produção de material gráfico e digital que visará explicitar a proposta, os objetivos, o desenvolvimento e os resultados alcançados pelo evento no ano de 2016.

Art. 2º: **CALENDÁRIO:** As atividades ocorrerão do dia 29 de agosto a 24 de setembro de 2016, no Instituto de Artes da UNESP:

19, 20, 22 e 23/ago das 10h00 às 12h30 e das 15h às 17h Inscrições presenciais no andar térreo do Instituto de Artes, ao lado da recepção.
29/ago a 02/set - Semana de imersão (programação a ser divulgada).
29/ago a 07/set - Residência artística no I.A.
04/set a 06/set - Montagem da exposição.
05/set até 18h - Data-limite para início da montagem e garantia de ocupação do lote.
06/set às 19h - *Vernissage* da exposição com apresentação musical.
06/set a 22/set - Período de exposição.
22/set 19h - *Finissage* da exposição com apresentação musical.
23/set a 24/set - Desmontagem da exposição (com pernoite).

Art. 3º: **PROGRAMAÇÃO:** A programação do evento será divulgada oportunamente (locais e horários serão divulgados, posteriormente, via *facebook*, *e-mail* e cartazes).

CAPÍTULO II – A Inscrição

Art. 4º: As inscrições serão realizadas somente presencialmente, em local próximo à recepção do andar térreo do IA/UNESP.

Art. 5º: Poderão se inscrever estudantes (artistas, curadores e interessados em Arte), egressos ou regularmente matriculados em alguma instituição de ensino superior, ou interessados que possuam vínculo com Arte (comprovado em material de divulgação impresso/*online* como *folder*, catálogo ou certificado de participação em evento artístico:

§1º: Poderão participar pessoas inscritas individualmente, em grupo e/ou coletivo.

§2º: No ato da inscrição, o artista ou coletivo deverá preencher uma ficha com dados pessoais (**telefone pessoal e telefone de contato familiar**); informar a(s) modalidade(s) de sua escolha – e mostrar: comprovante de vínculo com Arte (matrícula em alguma instituição de ensino de Arte, *folder*, catálogo etc.); e documento com foto.

§3º: No ato da inscrição, o participante deverá informar se intenciona fazer residência artística no IA durante o período de montagem e desmontagem da exposição (caso contrário, não será autorizado pernoite no *campus*).

§4º: A inscrição de grupos e/ou coletivos poderá ser realizada por apenas um integrante do coletivo, mediante os dados dos demais participantes.

Art. 6º: Cada participante/artista poderá se inscrever individualmente em até 2 modalidades e coletivamente em grupo ou coletivo em apenas 1 modalidade, totalizando o máximo de 3 modalidades; o coletivo pode se inscrever em apenas uma modalidade. Casos em que ocorram inscrições de participante(s) acima desse limite, o caso será encaminhado para deliberação da Comissão Organizadora.

Art. 7º: No geral, não existem categorias de Arte pré-estabelecidas para inscrição neste evento, à exceção da modalidade **CORREDORES DE LINGUAGENS** que, nesta edição, propõe o agrupamento de obras conforme as especificidades de cada corredor - quem preferir expor junto de seus pares escolhe um corredor afim; quem preferir ficar misturado às várias linguagens, escolhe um lote que não esteja em corredores.

Art. 8º: Os lotes serão escolhidos pelo próprio participante no ato da inscrição, a partir de mapa de localização pré-estabelecido, à exceção da modalidade **GALERIA: AUTOCURADORIA** que tem como condição a participação do inscrito nas reuniões de autocuradoria a serem realizadas entre os inscritos nessa modalidade - no ato da inscrição, o participante se inscreve na modalidade Galeria; e aguarda contato do grupo de inscritos para debaterem a organização.

§1º: Serão realizadas inscrições de lotes não demarcados pela Comissão para as áreas externas e eventuais propostas de outros espaços, desde que informados objetivamente no ato da inscrição (com descrição do local e ou foto).

CAPÍTULO III – Das responsabilidades

Art. 09º: Responsabilidade do artista ou coletivo inscrito:

§1º: **na residência artística** nos ateliês do Instituto de Artes:

- 1 - Cada participante ficará responsável por trazer seu próprio colchonete ou barraca e arcar com despesas de alimentação. A Comissão organizadora do L.O.T.E. disponibilizará apenas o espaço.
- 2 - Os participantes poderão entrar no IA das 07h00 até 22h50min, fora desse horário a entrada não será permitida por questão de segurança.
- 3 - O ir e vir será livre, porém, respeitando o item 2.
- 4 - Os participantes não poderão trazer acompanhantes não inscritos no L.O.T.E. para pernoitarem no prédio.
- 5 - É vedada a entrada e ingestão de drogas e bebidas alcoólicas.

§2º: **na montagem, nos espaços internos e/ou externos** do Instituto de Artes:

1. Trazer seus próprios materiais para a produção do trabalho e arcar com todos os custos para a realização, transporte, montagem e desmontagem das obras.
2. Montar, manter e desmontar a obra dentro do prazo indicado no Calendário.
3. Devolver o espaço utilizado nas mesmas condições estruturais encontradas antes da montagem.

Art. 10º: As obras não podem ultrapassar os limites pré-determinados dos lotes ou das áreas acordadas entre os artistas inscritos.

Art. 11º: As áreas não ocupadas até a data-limite de ocupação dos lotes (cf. Calendário) serão redistribuídas entre participantes do espaço ou interessados, mesmo que não inscritos previamente, não cabendo ao inscrito qualquer reclamação.

CAPÍTULO IV – Considerações Finais

Art. 12º: Apenas os participantes que realmente concluírem e expuserem seus trabalhos no evento receberão o certificado de participação.

Art. 13º: Os artistas ou coletivos participantes que não cumprirem as obrigações apresentadas pelo regulamento deste edital serão responsabilizados e cobrados pelos custos necessários para a manutenção ou desmontagem da obra.

Art. 14º: Os espaços das escadarias das saídas de emergência (internas e externas) bem como áreas com extintores de incêndio não são considerados entre os lotes, por se tratarem de áreas de segurança – participantes que não cumprirem este item do edital responderão pelas consequências do descumprimento das normas de segurança, salvo as condições constantes no Art. 20º.

Art. 15º: Esta edição do L.O.T.E. será rígida quanto à retirada dos trabalhos durante o período de desmontagem, não se responsabilizando pela integridade de trabalhos abandonados após o término do evento e penalizando os autores com restrições à participação em edição seguinte.

Art. 16º: A Comissão Organizadora do evento não se responsabiliza por danos que possam eventualmente ocorrer às obras durante a exposição.

Art. 17º: É vedada a entrada com bebida alcoólica e drogas nas dependências do Instituto de Artes, ficando o infrator responsabilizado por problemas que possam eventualmente decorrer de sua não observância a este quesito.

Art. 18º: O calendário do evento está sujeito a alterações caso sejam consideradas necessárias entre as Comissões docente e discente, responsáveis pela organização do evento.

Art. 19º: Ao inscrever-se no evento L.O.T.E., o inscrito assume a concordância e compromisso com o teor deste Regulamento e seu cumprimento, a ser zelado pela Comissão Organizadora; contudo, a responsabilidade ou ressarcimento por danos causados pelo seu descumprimento fica a encargo do participante.

Art. 20º: Os casos omissos neste Regulamento serão objeto de estudo e deliberação da Comissão Organizadora do evento, bem como casos de projetos que afetem a segurança do público e usuários do espaço serão submetidos a avaliação da DSAA e CIPA para avaliação e busca de soluções.





**Realização do Grupo de Pesquisa IA/UNESP/CNPq
L.O.T.E. - Lugar, Ocupação, Tempo, Espaço**

Coordenação / Comissão Docente:

aGNuS VaLeNte (coordenação geral)

José Spaniol

Sérgio Romagnolo

Diretoria de Serviços de Atividades

Auxiliares:

Adriana Gregorato M. Bezerra (DSAA)

Adriano José dos Santos (SAA)

CIPA

Marcelo Pacheco de Brito (presidente)

Eduardo Luiz Smynniuk

Ricardo Grigoli

Tatiana Kanter Goldman

Comissão Técnica:

Luiz Carlos Zanirato (DAP)

Vera Cozani (DAP)

Projeto Gráfico:

Daniele Desierrê: Logo L.O.T.E. 2011

Agapê: Identidade Visual ed. 2016

Comissão Discente IA/UNESP:

Alan Oliveira

Caio Netto

Carla Hirano

Gabriel Zanetti Pieroni

Guilherme Moura

Jayana Oliveira

Leo A. (Leo Arruda)

Mari Ra Chacon

Marina Woisky

Mimma Ito

Otávio Barata

Agapê (Ricardo Filho) - egresso

Sandra Mazzini - egressa

Bolsistas:

Gabriel Zanetti Pieroni (PIBIC - CNPq)

Bruno Carlos (BAAE III)

João Vitor Britto (BAAE III)

Realização:



Apoio:

DAP-IA/UNESP



